

# CICLO DE FORMAÇÃO SINDICAL

## Sindicalismo e Luta de Classes



Comício de 1º de maio de 1919, na Praça da Sé

### **Bloco 1 – Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e América Latina.**

**FÓRUM DE OPOSIÇÕES PELA BASE - FOB**

Distrito Federal e Entorno

# **CICLO DE FORMAÇÃO SINDICAL - DF/ ENTORNO**

## **“SINDICALISMO E LUTA DE CLASSES**

### **Objetivo Geral:**

Discutir a estrutura sindical brasileira, suas origens e aplicabilidade da mesma hoje, bem como a forma como trabalhadores em diversas situações combateram a mesma, com ou sem sucesso.

O objetivo prático é aprofundar nossa prática sindical com subsidio teórico para combater a estrutura sindical brasileira estando nós em direção de sindicatos oficiais, ou em oposição às diretorias sindicais, mas sempre em oposição à atual estrutura sindical.

### **Metodologia:**

Trabalhar por blocos de formação. O bloco não se dá de forma linear, mas apenas como forma de organizar o debate e a indicação bibliográfica. Assim, durante a formação sobre um elemento teremos a liberdade de buscar fontes bibliográficas de outros ciclos para melhor compreender um fenômeno e subsidiar a discussão acerca do mesmo. Todos os blocos serão iniciados com um filme. A proposta é de que na abertura de cada ciclo alguma camarada abra a temática levantando questões, polêmicas e explicações mais didáticas sobre determinados assuntos.

**06/05, 19h**

**Mesa de abertura: “Os desafios atuais da classe trabalhadora: resistência ou subordinação?”**

Debater a conjuntura atual contemplando as políticas dos governos e da burguesia nacional e internacional, bem como as formas de resistência, luta e subordinação da classe trabalhadora.

**09/05, 9h às 12h**

**Bloco 1 – Associação Internacional dos Trabalhadores (1864 - 1876);**

Compreender a concepção de luta e organização da Associação, sua ascensão e decadência. As influências da AIT na formação dos sindicatos no Brasil e na América Latina.

**16/05, 14h às 18h**

**Bloco 2 - A estrutura sindical brasileira, as oposições sindicais e o “novo sindicalismo”**

Compreender as táticas e estratégias do Estado e da classe trabalhadora para lidar com a Estrutura Sindical. A negação da luta armada na gênese da tradição petista.

**23/05, 9h às 12h**

**Bloco 3 – A crise do sindicalismo/socialismo no pós-queda do muro de Berlim**

Analisar o pico das políticas neoliberais (precarização, terceirização) no mundo e a resposta da classe trabalhadora. A reestruturação produtiva do capital e as ideologias pós-modernas: fim da história; fim do trabalho; fim do sindicalismo.

**30/05, 14h às 18h**

**Bloco 4 – O sindicalismo brasileiro na hegemonia governista e as possibilidades de uma tendência sindical revolucionária**

Analisar o freio imposto ao movimento sindical pelo governo e as iniciativas de ruptura e reorganização, especialmente desde as Jornadas de Junho e rebeliões populares (rodoviários, operários obras do PAC, Comperj, garis do Rio de Janeiro, revoltas nas favelas, etc.).

Projeto Editorial: Plínio Augusto Coêlho

### Faixa Publicações Libertárias

Rua Espártaco, 456 - V. Romana  
05045-000 São Paulo - SP  
Tel. 11-3864-3242  
[www.editorafaisca.net](http://www.editorafaisca.net)  
[faisca@riseup.net](mailto:faisca@riseup.net)  
[vendasfaisca@riseup.net](mailto:vendasfaisca@riseup.net)

### Editora Imaginário

Rua Espártaco, 456 - V. Romana  
05045-000 São Paulo - SP  
Tel. 11-3864-3242  
[www.editoraimaginario.com.br](http://www.editoraimaginario.com.br)  
[ed.imaginario@uol.com.br](mailto:ed.imaginario@uol.com.br)

Impresso no Brasil  
2008

# OS ENGANADORES

## A POLÍTICA DA INTERNACIONAL AONDE IR E O QUE FAZER?

**MIKHAIL BAKUNIN**

Tradução

Plínio Augusto Coêlho



*Editora Imaginário*

não devem pensar numa mudança radical em sua posição econômica e social.

Retornaremos a esses dois pontos em nosso próximo número.

## A POLÍTICA DA INTERNACIONAL

Mikhail Bakunin

### I

Até agora acreditamos, diz *La Montagne*, que as opiniões políticas e religiosas eram independentes da qualidade de membro da Internacional; e, quanto a nós, é nesse terreno que nos situamos?

Poder-se-ia crer, à primeira vista, que o sr. Coullery tem razão. Isso porque, com efeito, a Internacional, ao aceitar em seu seio um novo membro, não lhe pergunta se ele é religioso ou ateu, se pertence a tal partido político ou não pertence a nenhum; pergunta-lhe simplesmente: és operário, ou, se não és, queres, sentes a necessidade e a força para abraçar francamente, completamente a causa dos operários, de identificar-te com ela, à exclusão de todas as outras causas que poderiam ser-lhe contrárias?

Sentes que os operários que produzem todas as riquezas do mundo, que são as criaturas da civilização e que conquistaram todas as liberdades burguesas, estão hoje condenadas à miséria, à ignorância e à escravidão? Compreendeste que a causa principal de todos os males que o operário sofre é a miséria, e que essa miséria, que é o destino de todos os trabalhadores no mundo, é uma consequência necessária da organização econômica atual da sociedade, e notadamente da subjugação do trabalho, isto é, do proletariado sob o jugo do capital, quer dizer, da burguesia?

Compreendeste que entre o proletariado e a burguesia existe um antagonismo que é irreconciliável, porque ele é uma consequência necessária de suas posições respectivas? Que a prosperidade da classe burguesa é incompatível com o bem-estar e a liberdade dos trabalhadores, porque essa prosperidade exclusiva não é e não pode ser fundada senão sobre a exploração e a subjugação de seu trabalho, e que, pela mesma razão, a prosperidade e a dignidade humana das massas operárias exigem absolutamente a abolição da burguesia como classe separada? Que, por consequência, a guerra entre o proletariado e a burguesia é fatal, e que não pode terminar senão pela destruição desta última.

Compreendeste que nenhum operário, por mais inteligente e enérgico que seja, é capaz de lutar sozinho contra a força tão bem organizada dos bur-

gueses, força representada e apoiada principalmente pela organização do Estado, de todos os Estados? Que para te dar força deves associar-te, não com os burgueses, o que seria de tua parte uma estupidez ou um crime, porque todos os burgueses, como burgueses, são nossos inimigos irreconciliáveis, nem com operários infelizes, e que seriam bastante covardes para ir mendigar os sorrisos e a benevolência dos burgueses, mas com operários honestos, enérgicos, e que querem francamente o que queres?

Compreendeste que, tendo em vista a coalizão formidável de todas as classes privilegiadas, de todos os proprietários, capitalistas, e de todos os Estados no mundo, uma associação operária isolada, local ou nacional, mesmo que pertença a um dos maiores países da Europa, jamais poderá triunfar, e que, para fazer frente a essa coalizão e para obter esse triunfo, não é preciso nada menos que a união de todas as associações operárias locais e nacionais numa associação universal, faz-se necessária a grande Associação Internacional dos Trabalhadores de todos os países?

Se tu sentes, se bem compreendeste e se queeres realmente tudo isso, vem para o nosso lado, quaisquer que sejam, por sinal, tuas crenças políticas e religiosas. Mas, para que possamos aceitar-te, deves prometer-nos: 1.º subordinar doravante teus interesses pessoais, mesmo aqueles de tua família, tanto quanto tuas convicções e manifesta-

ções políticas e religiosas, no interesse supremo de nossa associação: a luta do trabalho contra o capital, dos trabalhadores contra a burguesia no terreno econômico; 2º nunca transigir com os burgueses num interesse pessoal; 3º nunca buscar elevar-te individualmente, só para tua própria pessoa, acima da massa operária, o que faria de ti mesmo imediatamente um burguês, um inimigo e um explorador do proletariado; pois toda a diferença entre o burguês e o trabalhador é a seguinte: o primeiro busca seu bem sempre fora da coletividade, e o segundo não o busca e não tenciona conquistá-lo senão solidariamente com todos aqueles que trabalham e que são explorados pelo capital burguês; 4º permanecerás sempre fiel à solidariedade operária, pois a mínima traição dessa solidariedade é considerada pela Internacional como o maior crime e a maior infâmia que um operário possa cometer. Em resumo, debes aceitar francamente, plenamente nossos estatutos gerais, e assumirás o engajamento solene de conformar doravante teus atos e tua vida a eles.

Pensamos que os fundadores da Associação Internacional agiram com grande sabedoria ao eliminar inicialmente do programa dessa Associação todas as questões políticas e religiosas. Sem dúvida, não lhes faltaram em absoluto nem opiniões políticas, nem opiniões anti-religiosas bem definidas; mas eles abstiveram-se de emití-las nesse pro-

grama porque seu objetivo principal era unir acima de tudo as massas operárias do mundo civilizado numa ação comum. Tiveram necessariamente de buscar uma base comum, uma série de simples princípios sobre os quais todos os operários, quaisquer que sejam, por sinal, suas aberrações políticas e religiosas, por pouco que sejam operários sérios, isto é, homens duramente explorados e sofredores, estão e devem estar de acordo.

Se eles arvorassem a bandeira de um sistema político ou anti-religioso, longe de unir os operários da Europa, eles os teriam dividido ainda mais; porque, com a ajuda da ignorância dos operários, a propaganda interesseira e, no mais elevado nível, corruptora dos padres, dos governos e de todos os partidos políticos burgueses, sem excetuar os mais vermelhos, disseminou um monte de falsas idéias nas massas operárias, e porque essas massas cegadas apaixonam-se infelizmente ainda demasiado amiúde por mentiras, que não têm outro objetivo senão fazê-las servir voluntária e estupidamente em detrimento de seus próprios interesses, aqueles das classes privilegiadas.

Por sinal, ainda existe uma diferença demasiado grande entre os graus de desenvolvimento industrial, político, intelectual e moral das massas operárias nos diferentes países para que seja possível uni-las hoje por um único e mesmo programa político e anti-religioso. Adotar tal programa como

esse da Internacional, fazer dele uma condição absoluta de ingresso nessa Associação, seria querer organizar uma seita, não uma associação universal; seria matar a Internacional.

Houve ainda uma outra razão que fez eliminar inicialmente do programa da Internacional, ao menos na aparência, e apenas na aparência, toda tendência política.

Até hoje, desde o começo da história, ainda não houve política do povo, e entendemos por este termo o povo, a *canalha operária* que nutre o mundo com seu trabalho; só existiu a política das classes privilegiadas, essas classes que se serviram da força muscular do povo para destronar-se mutuamente, e para uma pôr-se no lugar da outra. O povo, por sua vez, nunca tomou partido por umas contra as outras senão na vaga esperança de que ao menos uma dessas revoluções políticas, das quais nenhuma pôde fazer-se sem ele, mas nenhuma se fez para ele, traria algum alívio à sua miséria e à sua escravidão seculares. Ele sempre se enganou. Mesmo a grande revolução francesa enganou-o. Ela matou a aristocracia nobiliária e pôs em seu lugar a burguesia. O povo não se chama escravo nem servo; ele é proclamado nascido livre em direito, mas de fato sua escravidão e sua miséria permanecem as mesmas.

E permanecerão sempre os mesmos enquanto as massas populares continuarem a servir de ins-

trumento à política burguesa, chame-se essa política conservadora, liberal, progressista, radical, e mesmo que se desse as aparências mais revolucionárias do mundo. Pois toda política burguesa, quaisquer que sejam sua cor e seu nome, só pode ter, no fundo, um único objetivo: *a manutenção da dominação burguesa; e a dominação burguesa é a escravidão do proletariado.*

Assim, o que teve de fazer a Internacional? Teve, de início, de afastar as massas operárias de toda política burguesa; teve de eliminar de seu programa todos os programas políticos burgueses. Mas à época de sua fundação, não houve no mundo outra política senão aquela da Igreja ou da monarquia, ou da aristocracia ou da burguesia; a última, sobretudo aquela da burguesia radical, era seguramente mais liberal e mais humana do que as outras, mas todas igualmente fundadas na exploração das massas operárias e não tendo, na realidade, outro objetivo senão disputar o monopólio dessa exploração. A Internacional teve de começar limpando o terreno, e como toda política, do ponto de vista da emancipação do trabalho, encontrava-se então maculada de elementos reacionários, ela teve inicialmente de expurgar de seu seio todos os sistemas políticos conhecidos, a fim de poder fundar sobre essas ruínas do mundo burguês a verdadeira política dos trabalhadores, a política da Associação Internacional.

## II

Os fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores agiram com mais sabedoria ainda ao evitar introduzir princípios políticos e filosóficos como base dessa associação, e ao lhe dar, de início, como único fundamento apenas a luta exclusivamente econômica do trabalho contra o capital, porque eles tinham a certeza de que, a partir do momento que um operário põe o pé nesse terreno, a partir do momento que, adquirindo confiança tanto em seu direito como na força numérica, ele engaja-se com seus companheiros de trabalho numa luta solidária contra a exploração burguesa, ele será necessariamente levado, pela própria força das coisas, e pelo desenvolvimento dessa luta, a logo reconhecer todos os princípios políticos, socialistas e filosóficos da Internacional, princípios que nada mais são, com efeito, que a justa exposição de seu ponto de partida, de seu objetivo.

Expomos esses princípios em nossos últimos números. Do ponto de vista político e social, eles têm por consequência necessária a abolição das classes, consequentemente aquela da burguesia, que é a classe hoje dominante; a abolição de todos os Estados territoriais, aquela de todas as pátrias políticas, e sobre sua ruína, o estabelecimento da grande federação internacional de todos os grupos

produtivos, nacionais e locais. Do ponto de vista filosófico, como eles não tendem a nada menos que à realização do ideal humano, da felicidade humana, da igualdade, da justiça e da liberdade na terra, que por isso mesmo tendem a tornar completamente inúteis todos os complementos celestes e todas as esperanças de um mundo melhor, eles terão por consequência igualmente necessária a abolição dos cultos e todos os sistemas religiosos.

Anunciai inicialmente esses dois objetivos a operários ignorantes, esmagados pelo trabalho de cada dia e desmoralizados, envenenados, por assim dizer, voluntariamente pelas doutrinas perversas que os governos, de concerto com todas as castas privilegiadas, padres, nobreza, burguesia, distribuem-lhes a manchieas, e vós os apavorareis; eles vos rejeitarão, talvez, sem suspeitar de que todas essas idéias nada mais são que a expressão mais fiel de seus próprios interesses, que esses objetivos trazem em si a realização de seus mais caros desejos; e que, ao contrário, os preconceitos religiosos e políticos em nome dos quais eles talvez os rejeitarão, são a causa direta do prolongamento de sua escravidão e de sua miséria.

É preciso distinguir entre os preconceitos das massas populares e aqueles da classe privilegiada. Os preconceitos das massas, como acabamos de dizê-lo, são fundados apenas em sua ignorância, e

são totalmente contrários a seus interesses, enquanto os preconceitos da burguesia são precisamente fundados nos interesses dessa classe, e só se sustentam, contra a ação dissolvente da própria ciência burguesa, graças ao egoísmo coletivo dos burgueses. O povo quer, mas não sabe; a burguesia sabe, mas não quer. Qual dos dois é o incurável? A burguesia, sem nenhuma dúvida.

Regra geral: só se pode converter aqueles que sentem a necessidade de sê-lo, aqueles que já trazem em seus instintos ou nas misérias de sua posição, seja exterior, seja interior, tudo o que quiserdes dar-lhes; jamais aqueles que não sentem a necessidade de nenhuma mudança, até mesmo aqueles que, conquanto desejando sair de uma posição com a qual estão descontentes, são levados pela natureza de seu hábitos morais, intelectuais e sociais, a buscar num mundo que não é aquele de vossas idéias.

Convertei, rogo-vos, ao socialismo um nobre que cobiça a riqueza, um burguês que gostaria de tornar-se nobre, ou mesmo um operário que só quisesse, com todas as forças de sua alma, tornar-se um burguês! Convertei ainda um aristocrata real ou imaginário da inteligência, um douto, um meio douto, um quarto, um décimo, uma centésima parte de douto que, cheios de ostentação científica e amiúde porque apenas tiveram a felicidade de ter compreendido bem ou mal alguns

livros, são cheios de desprezo arrogante pelas massas iletradas, e imaginam que são chamados a formar entre si uma nova casta dominante, isto é, exploradora.

Nenhum raciocínio, nenhuma propaganda jamais estarão em condições de converter esses infelizes. Para convencê-los, só há um meio: é o fato, é a destruição da própria possibilidade das situações privilegiadas, de toda dominação e de toda exploração; é a revolução social que, varrendo tudo o que constitui a desigualdade no mundo, os moralizará, forçando-os a buscar sua felicidade na igualdade e na solidariedade.

É diferente com operários sérios. Entendemos por operários sérios todos aqueles que são realmente esmagados pelo peso do trabalho; todos aqueles cuja posição é tão precária e tão miserável que nenhum deles, a não ser sob circunstâncias completamente extraordinárias, pode nem ao menos pensar em conquistar para si mesmo, e apenas para si mesmo, nas condições econômicas e no meio social atual, uma posição melhor; tornar-se, por exemplo, por sua vez, um patrão ou um conselheiro de Estado. Incluimos também, sem dúvida, nessa categoria, os raros e generosos operários que, ainda que tendo a possibilidade de ascender individualmente acima da classe operária, não querem aproveitar-se disso, preferindo sofrer ainda algum tempo, solidariamente com todos os seus

camaradas de miséria, a exploração dos burgueses a se tornar exploradores, por sua vez. Esses não precisam ser convertidos; eles são socialistas puros.

Falamos da grande massa operária que, extenuada por seu trabalho cotidiano, é ignorante e miserável. Esta, quaisquer que sejam os preconceitos políticos e religiosos que se buscou e, inclusive, que se conseguiu em parte fazer prevalecer em sua consciência, é *socialista sem sabê-lo*; ela é, no âmago de seu instinto e pela própria força de sua posição, mais seriamente, mais realmente socialista do que o são todos os socialistas científicos e burgueses juntos. Ela o é por todas as condições de sua existência material, por todas as necessidades de seu ser, enquanto estes últimos só o são pelas necessidades de seu pensamento; e, na vida real, as necessidades do ser exercem sempre uma força bem mais forte do que aquelas do pensamento, o pensamento sendo aqui, como em toda a parte e sempre, a expressão do ser, o reflexo de seus desenvolvimentos sucessivos, mas nunca seu princípio.

O que falta aos operários não é a realidade, a necessidade real das aspirações socialistas, é apenas o pensamento socialista; o que cada operário reclama no fundo de seu coração: uma existência plenamente humana como bem-estar material e desenvolvimento intelectual, fundada na justiça,

isto é, na igualdade e na liberdade de cada um e de todos no trabalho; esse ideal instintivo de cada um que vive só de seu próprio trabalho não pode evidentemente realizar-se no mundo político e social atual, que é fundado na injustiça e na exploração cínica do trabalho das massas operárias. Assim, cada operário sério é necessariamente um revolucionário socialista, porquanto sua emancipação só pode efetuar-se pela destruição de tudo o que existe agora. Ou essa organização da injustiça, com toda a sua exibição de leis iníquas e de instituições privilegiadas deve perecer, ou então as massas operárias permanecerão condenadas a uma escravidão eterna.

Eis o pensamento socialista cujos germes encontrar-se-ão no instinto de cada trabalhador sério. O objetivo é, pois, dar-lhe a plena consciência do que ele quer, fazer nascer nele um pensamento que corresponda a seu instinto, a partir do momento que o pensamento das massas operárias tiver elevado-se à altura de seu instinto, sua vontade será determinada e sua força tornar-se-á irresistível.

O que ainda impede o desenvolvimento mais rápido desse pensamento salutar no seio das massas operárias? Sua ignorância, sem dúvida, e em grande parte os preconceitos políticos e religiosos pelos quais as classes interessadas esforçam-se ainda hoje para obscurecer sua consciência e sua inteligência natural. Como dissipar essa ignorân-

cia, como destruir esses preconceitos malfazejos? — Pela instrução e pela propaganda?

São sem dúvida grandes e belos meios. Mas no estado atual das massas operárias eles são insuficientes. O operário isolado é demasiado esmagado por seu trabalho e por suas preocupações cotidianas para ter muito tempo para dedicar à sua instrução. E, por sinal, quem fará essa propaganda? Serão os poucos socialistas sinceros, empuados da burguesia, cheios de generosa vontade, sem dúvida, mas demasiado pouco numerosos para dar, inicialmente, à sua propaganda, toda a amplitude necessária, e, por outro lado, pertencendo por sua posição a um mundo diferente, não têm sobre o mundo operário toda a influência necessária e provocam nele desconfianças mais ou menos legítimas?

“A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores”, diz o preâmbulo de nossos estatutos gerais. E ele tem mil vezes razão em dizê-lo. É a base principal de nossa grande Associação. Mas o mundo operário é geralmente ignorante; falta-lhe ainda por completo a teoria. Portanto, só lhe resta uma única via: *aquela de sua emancipação pela prática*. Qual pode e deve ser essa prática?

Só há uma. É aquela da luta solidária dos operários contra os patrões. São as *Trades-unions*, a *organização e a federação das caixas de resistência*.

### III

Se a Internacional mostra-se de início indulgente em relação às idéias subversivas e reacionárias — seja em política, seja em religião — que operários podem ter ao ingressar em seu seio, não é em absoluto por indiferença a essas idéias. Não se pode taxar de indiferença visto que ela as detesta e as rejeita com todas as forças de seu ser — toda idéia reacionária sendo a inversão do próprio princípio da Internacional, como já o demonstramos em nossos artigos precedentes.

Essa indulgência, repetimos uma vez mais, é-lhe inspirada por elevada sabedoria. Sabendo perfeitamente que todo operário sério é um socialista por todas as necessidades inerentes à sua posição miserável, e que idéias reacionárias, se existirem, só podem ser o efeito de sua ignorância, ela conta com a experiência coletiva, que ele não pode deixar de adquirir no seio da Internacional, e sobretudo com o desenvolvimento da luta coletiva dos trabalhadores contra os patrões para libertá-lo destes.

E, com efeito, a partir do momento que um operário, ao adquirir confiança na possibilidade de uma transformação radical da situação econômica próxima, associado a seus camaradas, começa a lutar seriamente pela diminuição de suas horas de trabalho e pelo aumento de seu salário, a partir do momento que começa a interessar-se vi-

vamente por essa luta toda material, pode-se estar certo de que ele logo abandonará todas as suas preocupações celestes, e que, habituando-se a contar cada vez mais com a força coletiva dos trabalhadores, renunciará voluntariamente ao socorro do céu. O socialismo assume em seu espírito o lugar da religião.

O mesmo acontecerá com a sua política reacionária. Ela perderá seu principal apoio à medida que a consciência do operário vir-se liberta da opressão religiosa. Por outro lado, a luta econômica, ao desenvolver-se e ampliar-se cada vez mais, far-lhe-á conhecer cada vez mais de uma maneira prática, e por uma experiência coletiva que é necessariamente sempre mais instrutiva e mais ampla que a experiência isolada, seus verdadeiros inimigos, que são as classes privilegiadas, inclusive o clero, a burguesia, a nobreza e o Estado; este último estando presente só para salvaguardar todos os privilégios dessas classes, e tomando necessariamente sempre o partido das classes privilegiadas contra o proletariado.

O operário, assim engajado na luta, acabará forçosamente por compreender o antagonismo irreconciliável que existe entre esses partidários da reação e seus interesses humanos mais caros, tendo chegado a esse ponto, não deixará de reconhecer-se e posicionar-se claramente como um socialista revolucionário.

O mesmo não se passa com os burgueses. Todos os seus interesses são contrários à transformação econômica da sociedade, e se suas idéias também são contrárias a isso, se essas idéias são reacionárias, ou como denominam polidamente hoje, moderadas; se sua inteligência e seu coração rejeitam esse grande ato de justiça e emancipação que denominamos revolução social, se eles têm horror pela igualdade social, real, isto é, pela igualdade política, social e econômica simultaneamente; se, no âmago de sua alma, eles querem conservar para eles próprios, para sua classe ou para seus filhos, um único privilégio, mesmo que fosse só aquele da inteligência, como fazem hoje muitos socialistas burgueses; se eles não detestam, não apenas com toda a lógica de seu espírito, mas ainda com toda a força de sua paixão, a ordem de coisas atual, então se pode estar certo de que eles permanecerão reacionários, inimigos da causa operária por toda a vida.

É preciso mantê-los longe da Internacional. É preciso mantê-los bem longe dela pois não poderiam nela ingressar senão para desmoralizá-la e para desviá-la de seu caminho. Há, por sinal, uma indicação infalível pela qual os operários podem reconhecer se um burguês, que pede para ser recebido em suas fileiras, dirige-se a eles francamente, sem sombra de hipocrisia e sem a menor reticência destruidora. Esse sinal são as relações

que ele conservou no que concerne ao mundo burguês.

O antagonismo que existe entre o mundo operário e o mundo burguês assume um caráter cada vez mais pronunciado. Todo homem que pensa seriamente, e cujos sentimentos e imaginação não são absolutamente alterados pela influência amiúde inconsciente de sofismas interessados, deve compreender hoje que nenhuma reconciliação entre eles é possível. Os trabalhadores que rem a igualdade, e os burgueses querem a manutenção da desigualdade. Evidentemente, uma destrói a outra. Assim, a grande maioria dos burgueses capitalistas e proprietários, aqueles que têm a coragem de reconhecer francamente o que querem, têm do mesmo modo a coragem de manifestar com a mesma franqueza o horror que lhes inspira o movimento atual da classe operária. Estes são inimigos tão resolutos quanto sinceros; nós os conhecemos e está bem assim.

Mas há uma outra categoria de burgueses que não têm nem a mesma franqueza, nem a mesma coragem. Inimigos da liquidação social, que nós chamamos com toda a força de nossas almas como um grande ato de justiça, como o ponto de partida necessário e a base indispensável de uma organização igualitária e racional da sociedade, eles que rem, assim como todos os outros burgueses, conservar a desigualdade econômica, essa fonte eterna

de todas as outras desigualdades; e, ao mesmo tempo, sustentam querer como nós a emancipação integral do trabalhador e do trabalho. Mantêm contra nós, com uma paixão digna dos burgueses mais reacionários, a própria causa da escravidão do proletariado, a separação do trabalho e da propriedade imobiliária ou capitalizada, hoje representados por duas classes diferentes; e, contudo, colocam-se como os apóstolos da libertação da classe operária do jugo da propriedade e do capital!

Enganam-se ou enganam? Alguns se enganam de boa-fé, muitos enganam; a maioria se engana e engana simultaneamente. Pertencem todos a essa categoria de burgueses radicais e socialistas burgueses que fundaram a *Liga da Paz e da Liberdade!*

Essa Liga é socialista? No começo, e durante o primeiro ano de sua existência, como já tivemos a oportunidade de dizê-lo, ela rejeitou o socialismo com horror. No ano passado, em seu Congresso de Berna, ela rejeitou triunfalmente o princípio da igualdade econômica. Hoje, sentindo-se morrer e desejando viver um pouco mais, e enfim compreendendo que nenhuma existência política é doravante possível sem a questão social, ela se diz socialista; tornou-se socialista-burguesa: isso quer dizer que ela quer resolver todas as questões sociais tendo por base a *desigualdade econômica*. Quer,

deve conservar o interesse do capital e a renda da terra, e ela sustenta emancipar os trabalhadores com isso. Esforça-se para dar um corpo ao nonsense.

Por que ela o faz? O que a fez empreender uma obra tão incongruente quanto estéril? Não é difícil compreender.

Uma grande parte da burguesia está fatigada do reinado do *cesarismo* e do *militarismo* que ela própria fundou em 1848, por temor do proletariado. Recordai apenas as jornadas de junho, anunciadoras das jornadas de dezembro; recordai essa Assembléia Nacional que, após as jornadas de junho, amaldiçoava e insultava, por unanimidade menos um voto, o ilustre e, pode-se muito bem dizê-lo, heróico socialista Proudhon, que sozinho teve a coragem de lançar o desafio do socialismo a essa tropa raivosa de burgueses conservadores, liberais e radicais. E não devemos esquecer que entre esses insultadores de Proudhon há uma quantidade de cidadãos ainda vivos, e hoje mais militantes do que nunca, e que, batizados pelas perseguições de dezembro, tornaram-se desde então os mártires da liberdade.

Assim, não há qualquer dúvida de que a burguesia inteira, inclusive a burguesia radical, foi de fato a criadora do despotismo cesariano e militar do qual hoje deplora os efeitos. Depois de se ter servido dele contra o proletariado, ela gostaria de

livrar-se dele agora. Nada de mais natural; esse regime a humilha e arruína.

Mas como livrar-se dele? Outrora ela era corajosa e poderosa, tinha a força das conquistadas. Hoje é covarde e débil; foi acometida pela impotência dos velhos. Reconhece demasiado bem sua fraqueza, e sente que sozinho não pode nada. Precisa, portanto, de ajuda. Essa ajuda só pode ser o proletariado; desse modo, é preciso conquistá-lo.

Mas como conquistá-lo? Por promessas de liberdade e igualdade política? São palavras que já não comovem os trabalhadores. Eles aprenderam às suas custas, compreenderam por uma dura experiência que essas palavras não significam para eles nada além da manutenção de sua escravidão econômica, com frequência, inclusive, mais dura que antes. Se, portanto, quiserdes tocar o coração desses miseráveis milhões de escravos do trabalho, falai-lhes de sua emancipação econômica. Não há mais operário que não saiba que esta é para ele a única base séria e real de todas as outras emancipações. Assim, é preciso falar-lhes de reformas econômicas da sociedade.

Pois bem, disseram-se os membros da Liga da Paz e da Liberdade, falemos disso, digamo-nos também socialistas. Prometamo-lhes reformas econômicas e sociais, sob a condição, todavia, de que eles queiram respeitar as bases da civilização e da onipotência burguesa: a propriedade individual e

hereditária, o interesse do capital e a renda da terra. Persuadamo-los de que, só sob essas condições, que por sinal asseguram-nos a dominação e aos trabalhadores a escravidão, o trabalhador pode ser emancipado.

Persuadamo-los ainda de que, para realizar todas essas reformas sociais, é preciso de início fazer uma boa revolução política, exclusivamente política, tão vermelha quanto quiserem do ponto de vista político, com um grande abate de cabeças se isso se torna necessário, mas com o maior respeito pela santa propriedade.; uma revolução inteiramente jacobina, em resumo, que nos tornará senhores da situação; e, uma vez senhores, daremos aos operários... o que pudermos e o que quisermos.

Eis aí um sinal infalível pelo qual os operários podem reconhecer um falso socialista, um socialista burguês: se, ao falar-lhes de revolução, ou, se preferirem, de transformação social, ele diz-lhes que a transformação política *deve preceder* a transformação econômica; se ele nega que elas devem fazer-se simultaneamente ou mesmo que a revolução política não deve ser nada além da aplicação imediata e direta da liquidação social plena ou inteira; que eles lhe dêem as costas, pois, ou ele é apenas um imbecil, ou então um explorador hipócrita.

#### IV

A Associação Internacional dos Trabalhadores, para permanecer fiel a seu princípio, e para não desviar-se da única via que pode conduzi-la a bom porto, deve armar-se sobretudo contra as influências de dois tipos de socialistas burgueses: os partidários da *política burguesa*, até mesmo os *revolucionários burgueses*, e aqueles da cooperação burguesa, ou pretensamente *homens práticos*.

Consideremos, inicialmente, os primeiros.

A emancipação econômica, já dissemos no nosso número precedente, é a base de todas as outras emancipações. Resumimos por essas palavras toda a política da Internacional.

Lemos, com efeito, nos considerandos de nossos estatutos gerais, a seguinte declaração:

*Que a sujeição do trabalho ao capital é a fonte de toda servidão política, moral e material, e que por essa razão, a emancipação dos trabalhadores é o grande objetivo ao qual deve estar subordinado todo movimento político.*

Está claro que todo movimento político que não tem absolutamente por objeto imediato e direto a emancipação econômica, *definitiva e completa* dos trabalhadores, e que não inscreveu em sua bandeira, de maneira bem determinada e bem

clara, o princípio da *igualdade econômica*, o que quer dizer a *restituição integral do capital ao trabalho*, ou então a *liquidação social* — que todo movimento político semelhante é burguês, e, como tal, deve ser excluído da Internacional.

Deve, por consequência, ser excluída sem piedade a política dos burgueses democratas ou socialistas burgueses, que, declarando “que a liberdade política é a condição *prévia* da emancipação econômica”, só podem entender por essas palavras o seguinte: as reformas ou a revolução política devem *preceder* as reformas ou a revolução econômica; os operários devem, consequentemente, aliar-se aos burgueses mais ou menos radicais para fazer de início com eles as primeiras, sem excluir a eventualidade de fazer em seguida contra eles as últimas.

Protestamos francamente contra essa funesta teoria que só poderia resultar, para os trabalhadores, uma vez mais, na sua utilização como instrumento contra eles próprios e novamente em sua entrega à exploração dos burgueses.

Conquistar a liberdade política *de início* só pode significar conquistar exclusivamente ela, abandonando, ao menos durante os primeiros dias, as relações econômicas e sociais no estado em que se encontram, isto é, os proprietários e os capitalistas com sua insolente riqueza, e os trabalhadores com sua miséria.

Mas essa liberdade, uma vez conquistada, dizem, servirá aos trabalhadores de instrumento para conquistar mais tarde a *igualdade ou a justiça econômica*.

A liberdade, com efeito, é um instrumento magnífico e poderoso. A questão é saber se os trabalhadores poderão realmente servir-se dela, se ela estará realmente em sua posse, ou se, como sempre foi até aqui, sua *liberdade política* será apenas uma aparência enganadora, uma ficção?

Um operário, em sua situação econômica atual, ao qual se viesse falar de liberdade política, poderia responder pelo refrão de uma canção bem conhecida:

Não falai de liberdade.

A pobreza é a escravidão!

E, com efeito, é preciso estar apaixonado por ilusões para crer que um operário, nas condições econômicas e sociais nas quais se encontra atualmente, possa aproveitar plenamente, fazer uso sério e real de sua liberdade política. Faltam-lhe para isso duas pequenas coisas: o lazer e os meios materiais.

Por sinal, não vimos na França, no dia seguinte à revolução de 1848, a revolução mais radical que se possa desejar do ponto de vista político?

Os operários franceses não eram, decerto, nem indiferentes, nem ininteligentes e, malgrado o sufrágio universal mais amplo, tiveram de deixar os burgueses agir. Por quê? Porque lhes faltaram os meios materiais que são necessários para que a liberdade política torne-se uma realidade, porque eles permaneceram os escravos de um trabalho forçado pela fome, enquanto os burgueses radicais, liberais e até mesmo os conservadores, uns republicanos da véspera, os outros convertidos do dia seguinte, iam e vinham, agitavam, falavam, faziam e conspiravam livremente, uns graças às suas rendas ou à sua posição burguesa lucrativa, os outros graças ao orçamento do Estado que se tinha naturalmente conservado e que se tinha, inclusive, tornado mais forte do que nunca.

Sabemos o que resultou disso: inicialmente, as jornadas de junho, depois, como consequência necessária, as jornadas de dezembro.

Todavia, dir-se-á, os trabalhadores, tornados mais sábios pela própria experiência que fizeram, não mais enviarão burgueses às assembleias constituintes ou legislativas, enviarão simples operários. Por mais pobres que sejam, eles poderão sustentar seus deputados. Sabei o que disso resultará? Os operários deputados, transportados às condições de existência burguesas, e a uma atmosfera de idéias políticas completamente burguesas, cessando de ser trabalhadores de fato para tornar-se

homens de Estado, tornar-se-ão burgueses e, talvez, ainda mais burgueses do que eles próprios. Pois os homens não fazem as posições, são as posições, ao contrário, que fazem os homens. E sabemos por experiência que os *operários-burgueses* não são amiúde nem menos egoístas do que os burgueses exploradores, nem menos funestos à Associação do que os burgueses socialistas, nem menos vaidosos e ridículos do que os burgueses enobrecidos.

O que quer que se faça ou se diga, enquanto o trabalhador permanecer mergulhado em seu estado atual, não haverá absolutamente para ele liberdade possível, e aqueles que o incitam a conquistar as liberdades políticas sem tocar antes nas candentes questões do socialismo, sem pronunciar essa expressão que faz os burgueses empalidescerem, *liquidação social*, dizem-lhe simplesmente: conquista antes essa liberdade para nós, para que mais tarde nós possamos dela nos servir contra ti.

Mas esses burgueses são bem-intencionados e sinceros, dir-se-á. Mas não há boas intenções e sinceridade que se sustentem contra as influências da posição, e visto que dissemos que os próprios operários que se colocassem nessa posição tornar-se-iam forçosamente burgueses, por uma razão ainda mais forte, os burgueses que permanecerem nessa posição permanecerão burgueses.

Se um burguês, inspirado por uma grande paixão de justiça, igualdade e humanidade, quer seria-

mente trabalhar pela emancipação do proletariado, que ele começa inicialmente por romper todos os laços políticos e sociais, todas as relações de interesse bem como de espírito, de vaidade e de cora-ção com a burguesia. Que ele compreenda antes que nenhuma reconciliação é possível entre o proletariado e essa classe; que, quem quer que viva da exploração alheia é inimigo natural do proletariado.

Depois de ter voltado definitivamente as costas ao mundo burguês, que ele venha então se colocar sob a bandeira dos trabalhadores, na qual estão escritas essas palavras: "Justiça, Igualdade e Liberdade para todos. Abolição das classes pela igualização econômica de todos. Liquidação social." Ele será bem-vindo.

Quanto aos socialistas burgueses, bem como aos burgueses operários que vierem nos falar de conciliação entre a política burguesa e o socialismo dos trabalhadores, só temos um conselho a dar a estes últimos: é preciso virar-lhes as costas.

Porquanto os socialistas burgueses esforçam-se hoje *para organizar*, com a isca do socialismo, uma formidável agitação operária a fim de conquistar a liberdade política, uma liberdade que, como acabamos de vê-lo, só beneficiaria a burguesia; visto que as massas operárias, tendo chegado ao entendimento de sua posição, esclarecidas e dirigidas pelo princípio da Internacional, organizam-se, com efeito, e começam a formar uma autêntica força, não na-

cional, mas internacional; não para cuidar dos interesses dos burgueses, mas de seus próprios interesses; e porquanto, mesmo para realizar esse ideal dos burgueses de uma completa liberdade política com instituições republicanas, é preciso uma revolução, e que nenhuma revolução pode triunfar se não exclusivamente pela força do povo; é preciso que essa força, cessando de esfalfar-se pelos Senhores burgueses, só sirva doravante a fazer triunfar a causa do povo, a causa de todos aqueles que trabalham contra todos os que exploram o trabalho.

A Associação Internacional dos Trabalhadores, fiel a seu princípio, jamais apoiará uma agitação política que não tenha por objetivo imediato e direto a *completa emancipação econômica do trabalhador*, isto é, a abolição da burguesia como classe economicamente separada da massa da população, nem qualquer revolução que desde o primeiro dia, desde a primeira hora, não inscreva em sua bandeira a *liquidação social*.

Mas não se improvisam as revoluções. Elas não se fazem arbitrariamente nem pelos indivíduos, nem mesmo pelas mais poderosas associações. Independentemente de toda vontade e de toda conspiração, elas são sempre conduzidas pela força das coisas. Pode-se prevêê-las, pressentir sua aproximação, às vezes, mas nunca acelerar sua explosão.

Convictos dessa verdade, fazemo-nos esta pergunta: Qual é a política que a Internacional

deve seguir durante esse período mais ou menos longo que nos separa dessa terrível revolução social que todos pressentem hoje?

Fazendo abstração, como lhe prescrevem seus estatutos, de toda política nacional e local, ela dará à agitação operária em todos os países um caráter *essencialmente econômico*, colocando como objetivo a diminuição da jornada de trabalho e o aumento dos salários; como meios, *a associação das massas operárias* e a formação das *caixas de resistência*.

Ela fará a propaganda de seus princípios, pois esses princípios sendo a expressão mais pura dos interesses coletivos dos trabalhadores do mundo inteiro, são a alma e constituem toda a força vital da Associação. Fará essa propaganda amplamente, sem respeito pelas suscetibilidades burguesas, a fim de que cada trabalhador, saindo do torpor intelectual e moral no qual se esforçam para mantê-lo, compreenda sua situação, saiba o que deve querer fazer e em que condições pode conquistar seus direitos de homem.

Fará uma propaganda tanto mais enérgica e sincera porque na própria Internacional amíúde encontramos influências que, desejando desprezar esses princípios, gostariam de fazê-los passar por uma teoria inútil, e esforçam-se para reconduzir os trabalhadores ao catecismo político, econômico e religioso dos burgueses.

Ela ampliar-se-á, enfim, e organizar-se-á for-

temente atravessando as fronteiras de todos os países, a fim de que, quando a revolução, conduzida pela força das coisas, tiver eclodido, haja uma força real, sabendo o que deve fazer e, por isso mesmo, capaz de apoderar-se dela e dar-lhe uma direção verdadeiramente salutar para o povo; uma organização internacional séria das associações operárias de todos os países, capaz de substituir esse mundo político dos Estados e da burguesia que parte.

Terminamos essa exposição fiel da política da Internacional reproduzindo o último parágrafo dos considerandos de nossos estatutos gerais:

O movimento que se realiza entre os operários dos países mais industriais da Europa, fazendo nascer novas esperanças, dá uma sôlene advertência para não recair em absoluto nos antigos erros.

## A F.O.R.A. O "FINALISMO" REVOLUCIONÁRIO

*Eduardo Colombo*

A Federação Operária Regional Argentina apresenta-se na história do movimento operário revolucionário com características particulares que fazem dela um pólo radical da luta proletária. Embora sendo uma organização de classe, ela era representativa do anarquismo na Argentina.

Durante mais de meio século, a capacidade de mobilizar largas camadas da população operária — sempre atormentada por uma repressão violenta — deu à F.O.R.A. sua alma e sua força, por inteiro contidas na declaração dita "finalista" do V Congresso: a propaganda e a educação com vistas a uma sociedade comunista anarquista.

Essa capacidade era o resultado de uma certa "integração" ou "compreensão" profunda que se manifestava entre as classes pobres e o anarquismo, no momento da formação do proletariado urbano, em uma vasta região onde o Rio de la Plata (o rio argentino) abria seus portos à Argentina e ao Uruguai. Por integração deve-se compreender não uma aceitação consciente da idéia — a maioria dos trabalhadores não era anarquista ainda que estes fossem membros de uma sociedade de resistência (sindicato) da F.O.R.A. —, mas sim, uma resposta emocional favorável, uma atitude receptiva.<sup>1</sup>

A agitação social que vai levar à criação das primeiras organizações de defesa operária desenvolve-se entre 1880 e 1890. A Argentina moderna põe-se em movimento, nesses anos em questão, com o afluxo de capitais, sobretudo britânicos — consagrados, em mais de 30%, à expansão da rede ferroviária que converge para o porto de Buenos Aires, à criação de "frigoríficos" (estabelecimento de conservação da carne resfriada destinada à exportação) que aumenta a exportação de carne, à diversificação da economia rural —, e a chegada em grande número de mão-de-obra. A população fixa-se nos centros urbanos, e, mais particularmente, na região metropolitana de Buenos Aires e nas cidades do litoral. A forte urbanização do país desenvolve-se em duas

grandes etapas, a primeira — que podemos situar entre 1870 e 1914 — foi o fruto da imigração; a segunda, que corresponde ao período 1935-1955, viu a emigração maciça do campo para a capital e para as zonas industrializadas, verdadeiro êxodo que durante o decênio 1936-1947 representa quase 40% da totalidade do crescimento vegetativo das províncias concernidas.<sup>2</sup>

A influência da F.O.R.A. vai declinar fortemente após a violenta repressão desencadeada pelo golpe de Estado militar de 1930 e, a partir dos anos 40, a situação modifica-se rapidamente por causa da mudança estrutural do proletariado urbano e da extensão periurbana das favelas, mudanças que formam a base do populismo peronista fascizante.

Uma conjunção de condições internacionais e locais poderia explicar<sup>3</sup> o desenvolvimento da organização revolucionária do proletariado de orientação anarquista nos anos imediatamente posteriores a 1890. Em nível internacional, a crise do capitalismo industrial dos anos 1873-1896 havia acentuado a penúria das classes pobres, as "classes perigosas", favorecendo o grande fluxo migratório que encaminhará para a Argentina milhões de pessoas. Essa emigração européia fez crescer, entre 1880 e 1914, a população do país até 3.034.000 habitantes. Mais da metade é composta de italianos (sobretudo do norte da Itália); os espanhóis constituem a terça parte, e os franceses 5%, assim como os emigrados da Europa central. Contrariamente a idéias adquiridas, a origem urbana dessa imigração foi muito importante.<sup>4</sup> Para que se tenha uma idéia da amplitude do processo, é preciso saber que a população total do país elevava-se a aproximadamente 4 milhões em 1895, época em que se publicava *El Perseguido*, o primeiro periódico anarquista de longa duração.<sup>5</sup>

O fluxo migratório traz também os perseguidos da velha Europa. Uma severa repressão abate-se sobre a Internacional nos países latinos. O massacre da Comuna anunciou o fim da Primeira Internacional na França. A lei de 14 de março de 1872, que castiga a filiação à Internacional, desvela a intenção das autoridades de impedir pelo terror a reconstrução do movimento operário.

Na Itália, após o fracasso da tentativa insurrecional de agosto de 1874, a Internacional é levada à clandestinidade.

A Federação italiana, com seus melhores militantes na prisão ou no exílio, com sua imprensa silenciada, com a autoridade de polícia — central e periférica — desenfreada na caça ao internacionalista, estava desfeita não apenas em sua organização pública como também em sua organização secreta.<sup>6</sup>

O golpe de Estado de janeiro de 1874 dissolve a Internacional na Espanha, sem grande efeito na vida da organização, que já funcionava na clandestinidade desde que o ministro liberal Sagasta declarou-a fora da lei em 1872. A repressão não pôde impedir a realização, em Madri, do congresso anual da Federação, todavia, a partir daí, os congressos foram substituídos por conferências "comarcais"<sup>7</sup> mais fáceis de reunir na clandestinidade.<sup>8</sup> É o período da restauração dos Bourbons com Alfonso XII, e da longa carreira política de Cánovas del Castillo, interrompida por Angiolillo em 1897.

As classes possuidoras da Argentina, aproveitadoras da retomada econômica e industrial desses anos em questão, acompanharam o processo com leis alfandegárias protecionistas, mas, em um primeiro momento, elas não viram que no porto também desembarcavam os subversivos da Internacional; que a alfândega não filtrava as idéias. Foi bem mais tarde que a oligarquia recuperou o controle com a lei celerada dita de "residência", em 1902.

A população imigrante integrava-se facilmente ao proletariado nascente autóctone e sofria tanto quanto ele a exploração: as jornadas de trabalho de 12 a 16 horas acompanhavam a exclusão da decisão política, sua marginalização do consumo, e suas moradias miseráveis; a única via aberta à participação era a luta social, a greve.

A rebelião e a subversão encontraram ali um terreno fértil.

### A Primeira Internacional e as primeiras organizações operárias

Conhecemos a existência das seções da Internacional em Montevideu e em Buenos Aires por cartas trocadas por seus membros entre o Uruguai e o México em 1872.<sup>9</sup> O Congresso de Haia (1872) foi informado da existência das ramificações da Internacional em Buenos Aires.

O historiador Max Nettlau cita uma carta datada de 3 de março de 1873, do secretário das seções de Buenos Aires, A. Aubert, a um internacionalista de Bordeaux refugiado em Santander, que contém os seguintes dados:

Há, atualmente, três seções internacionais em Buenos Aires, embasadas na diferença de línguas: a seção francesa, a seção italiana e a seção espanhola.<sup>10</sup>

Pode-se supor, segundo essa informação, que o primeiro núcleo tenha sido formado por franceses refugiados da Comuna de Paris, e que elementos italianos e espanhóis tenham a ele se juntado posteriormente.

A ideologia que prevalecia nesses primeiros anos era preferencialmente favorável a Marx e ao Conselho de Londres, mas, na medida em que chegavam novos exilados após a repressão na Itália e a restauração dos Bourbons na Espanha, a tendência inverteu-se. Assim, a primeira seção verdadeiramente regional e não lingüística foi a Federação regional da República Oriental do Uruguai, fundada em junho de 1875, e que adere à A.I.T. antiautoritária.<sup>11</sup> Uma brochura publicada em 1878 contém os estatutos da associação; seu redator foi Renaud-Reynaud, tipógrafo e *ex-communard*.

A luta entre os adeptos de Marx e os partidários de Bakunin tornava-se encarniçada, e, em 1876, em Buenos Aires, constitui-se o Centro de Propaganda Obrera, de orientação bakuninista, primeira manifestação pública do anarquismo. Ao final da década, os diferentes grupos revolucionários espalham-se ou se dissolveram, e a Internacional praticamente desapareceu.

Se a rivalidade entre anarquistas e socialistas foi intensa naquela época, na Argentina como alhures, não se deve esquecer que o que estava em jogo, ante a organização nascente do proletariado, era a autonomia da associação operária ou sua sujeição a uma direção política exterior, verdadeira razão da cisão da A.I.T. em 1872 (situação que se repetirá em 1922 com a refundação da A.I.T. em Berlim, diante das pretensões hegemônicas dos bolcheviques). Todavia, no palco dos acontecimentos, era a estratégia da luta que incendiava as paixões: legalismo e reformismo ou revolução, parlamentarismo ou ação direta. Também não devemos esquecer que, sendo na origem de uma mesma família, a separação definitiva no plano internacional das duas correntes ainda não tinha ocorrido (o que acontecerá — no que concerne à Itália — no congresso de Gênova, em 1892<sup>12</sup> e, em nível internacional, no congresso de Londres de 1896<sup>13</sup>), e que o socialismo da base operária desses anos em questão — tão reformistas para um anarquista! — apavoraria, por seu radicalismo, um socialista de hoje.

Evidentemente, antes das seções da Internacional, existiram associações de defesa corporativista, sociedades de apoio mútuo, mutualistas, de espírito timidamente reformista. Nessa linha, existia uma sociedade de tipógrafos, a Sociedad Tipográfica Bonaerense, fundada em 1857, que, como os outros agrupamentos de trabalhadores, vai sofrer a influência do novo vento de revolta soprado pelos internacionalistas. Segundo Nettlau, os tipógrafos

argentinos aceitaram os princípios da Federação Regional Espanhola da A.I.T. ("a livre federação de livres associações de produtores livres") que se lhes tinham sido enviados, mas não seu conteúdo revolucionário; eles preferiram seguir um caminho moderado. Assim, em 1877, uma ala radical cinde-se e cria a Unión Tipográfica que, no ano seguinte, vai declarar a primeira greve, que se pode chamar "moderna", da história da Argentina. Após um mês de luta, as reivindicações são aceitas: aumento dos salários, abolição do trabalho infantil e redução da jornada de trabalho para dez horas no inverno e doze no verão.<sup>14</sup>

Durante os vinte anos que se seguirão, a agitação social e a organização revolucionária da classe operária acentuam-se e aprofundam-se. Os jornais revolucionários começam sua carreira movimentada; em 1879 surge *La Voz del Obrero*, hebdomadário, *El Descamisado*, primeira publicação anarquista do país, e *La Vanguardia* dirigido por Eduardo Camaño, um internacionalista marxista. E a década que se abre em 1880 conhecerá fortes movimentos de greves; os padeiros, os cigarreiros, os sapateiros, os pedreiros, os estucadores, entre outros, paralisam o trabalho.

Em 1880, chega em Buenos Aires Ettore Mattei, um dos militantes importantes desse período. Ex-internacionalista nascido em Livorno, militante ativo, foi obrigado a exilar-se em Marselha em 1874, de onde, novamente perseguido, emigra para Barcelona antes de aportar na Argentina. Mattei participa da propaganda com um grupo de operários padeiros, ebanistas e gravadores que constituem o Círculo Comunista Anárquico. A posição ideológica do círculo é próxima das idéias expressadas por Malatesta em *La Questione Sociale* de Florença (1883-1884) ou daquelas de *La Révolte* de Paris, periódicos que seus membros distribuem gratuitamente.

Por sua vez, Errico Malatesta desembarca às margens de La Plata, sem dívida entre maio e junho de 1885, segundo Fabbri, e começa de imediato a publicação de uma nova *Questione Sociale* (14 números entre 1885 e 1886) e, como de hábito, desenvolve uma intensa atividade militante nos meios de língua italiana, mas não apenas. Malatesta não falava espanhol, mas não se privava de tomar a palavra em assembleias e reuniões operárias para insistir na necessidade de converter as associações de ofício em autênticas sociedades de resistência.

Quando *La Questione Sociale* cessa de circular, Mattei assume a tarefa e publica *Il Socialista. Organo dei lavoratori*. Em suas páginas, conclama a uma assembleia dos operários padeiros para criar uma sociedade de resis-

tência. A reunião realiza-se, e pensa-se em Malatesta para redigir os estatutos, o que ele faz. Assim nasce, em 18 de julho de 1887, a Sociedad Cosmopolita de Resistencia y Colocación de Obreros Panaderos, primeira sociedade de resistência do país, órgão de defesa e de solidariedade de classe, de orientação antiparlamentar e federalista. Todas as associações de ofício, que mais tarde constituirão a F.O.R.A., adotaram a denominação de "sociedades de resistência".<sup>15</sup>

A nova sociedade de padeiros organiza sua primeira greve em janeiro de 1888. Após dez dias de paralisação de trabalho, os operários obtêm um sucesso que estimula uma série de movimentos de greve que se prolongarão até 1890.

Em 1888 fazem greve, além dos padeiros, os empregados domésticos, cozinheiros e garçons, ferroviários e metalúrgicos. Começa, então, o tratamento policial da questão social; padeiros são detidos e o local da sociedade de resistência perquirido. Durante o movimento dos ferroviários, piquetes de greve impedem a circulação dos trens; a polícia e os bombeiros (naquela época era um corpo armado utilizado na repressão) disparam contra os grevistas (vários trabalhadores são feridos assim como um sargento e um policial) e prendem 115 dentre eles.

Pouco depois, os operários do calçado — um corpo de ofício muito numeroso em Buenos Aires (mais de dez mil operários) também organizado pelos anarquistas — paralisam o trabalho. Com o concurso ativo de E. Mattei, Malatesta, o anarquista espanhol Rabassa, os socialistas alemães Wieniger e Braun, e o austríaco Ziebigker, eles se opõem aos dirigentes patronais que querem constituir comissões mistas de operários e patrões. Em um manifesto, a greve é claramente situada no contexto da exploração capitalista e de luta de classes.<sup>16</sup>

Malatesta deixa a Argentina em 1889, mas sua influência permanecerá viva, e sua ação terá contribuído para a preponderância do anarco-comunismo como tendência teórica no seio do ramo antiautoritário do movimento revolucionário; nem os coletivistas nem os individualistas conseguirão implantar-se além de uma curtíssima atividade ao final do século.

Todavia, nesse momento, desenvolver-se-á uma polémica pesada de conseqüências. Duas concepções estratégicas diferentes enfrentam-se ante a ação revolucionária, as reivindicações de classe e a organização de defesa do proletariado: sob a insígnia comum do anarco-comunismo, uns vão defender a necessidade da organização, fundamentalmente a organização operária, os outros vão se definir como antiorganizacionais.<sup>17</sup>

No transcurso do ano de 1890, o grupo "Los Desheredados" (os deserdados) começa a publicação de *El Perseguido*,<sup>18</sup> que se torna o porta-voz do anarco-comunismo. A maioria dos militantes ativos do anarquismo escreve nele, e, entre aqueles que mais fizeram para imprimir um ímpeto à organização operária, pode-se citar os nomes de Inglan Lafarga, operário ebanista, catalão, membro-fundador e redator alguns anos depois de *La Protesta Humana*, e de Fortunato Serantoni, que participara da ação da Internacional na região de Florença, dez anos antes. Mas *El Perseguido* conduz uma campanha tenaz para defender a linha dos antiorganizadores, e foi, talvez, por causa disso que alguns historiadores atribuíram-lhe erroneamente uma posição individualista.

Tendo por pano de fundo a crise econômico-financeira da Argentina em 1890, a polarização das classes torna-se mais aguda, e as lutas operárias ampliam-se até a onda de greves dos anos 1895-1896. Os estucadores reivindicam a jornada de oito horas e obtêm êxito. As sociedades cosmopolitas de resistência de operários pedreiros, padeiros, marmoristas e estivadores convocam uma reunião de todos os sindicatos para discutir a necessidade da greve geral.

Os ferroviários, após um movimento longo e duro, devem submeter-se à inflexibilidade dos patrões organizados na U.I.A. (Unión Industrial Argentina), que apelam à polícia e aos pelegos, recrutados também entre os imigrantes sem trabalho. A U.I.A. ameaça inscrever os grevistas em "listas negras", o que os impediria de conseguir trabalho no futuro, e solicitam ao governo a deportação desses "perturbadores da ordem social".

Nessa época começam as primeiras tentativas para criar uma federação de sindicatos operários. Tanto os sindicatos orientados pelos socialistas quanto os sindicatos anarquistas convocam reuniões e decidem pela constituição das federações, o que não se concretizará. Os anarco-comunistas antiorganizadores redobram suas críticas e ampliam sua atitude, negando valor e eficácia às greves para melhorar as condições de trabalho e salário.

*El Perseguido* dava provas de compreensão pelas motivações desses movimentos, mas criticava as greves parciais, porque os benefícios obtidos eram anulados pelos patrões graças ao aumento do preço de venda dos produtos, e porque as melhorias obtidas não beneficiavam a classe trabalhadora em seu conjunto mas, às vezes, apenas uma parte, o que agravava a situação de outros setores. A classe operária não poderá libertar-se, dizia ele, senão suprimindo o regime do salariado, fazendo a revolução social. Na esteira de

*Le Révolté* de Jean Grave, ele pensava que "uma greve é uma revolta ou uma engambelaração".<sup>19</sup>

Todavia, uma evolução significativa havia começado a se manifestar na segunda metade de 1894; nascem três periódicos favoráveis à corrente pró-organização: *La Question Sociale* (nº 1, em 15 de julho de 1894), em italiano, graças aos esforços de Fortunato Serantoni, que retoma o título do jornal de Malatesta, e que contém uma seção em espanhol; *El Obrero Panadero* (O Operário padeiro, nº 1, 16 de setembro de 1894), sob a responsabilidade de E. Mattei, publicado pela sociedade de resistência dos padeiros; *El Oprimido* (nº 1, 9 de setembro de 1894), editado pelo médico John Creaghe, bimensal regular e importante porta-voz do anarquismo organizador.

Os anos 1895-1896 conhecem uma forte agitação. Produzem-se mais de quarenta movimentos de greve durante o ano de 1895, terminando em vitórias, mas não em 1896, quando os patrões tentam impor sua disciplina e generalizam-se os regulamentos do trabalho. As prisões são freqüentes; por exemplo, um dia de janeiro de 1896, todos os participantes de uma reunião operária, em um bairro do sul de Buenos Aires, são interpelados e permanecerão vinte e um dias na prisão. Em agosto do mesmo ano, quando a greve da ferrovia da província de Buenos Aires (Ateliés de Tolosa) estende-se a diversos centros ferroviários, o governo põe em alerta o exército e os bombeiros; há feridos e mortos. Os anarquistas tentam fazer com que se chegue à greve geral. Vários sindicatos de diferentes ofícios engajam-se no movimento para reivindicar as 8 horas. Nos centros mais combativos, a greve mantém-se durante cento e vinte e um dias.

O ano seguinte será mais calmo no *front* social, mas é então que se consolida verdadeiramente o enraizamento do anarquismo nas lutas sociais dos trabalhadores argentinos com a publicação de *La Protesta Humana*.

Na organização operária nascente, a importância que a tendência organizacional do anarquismo está adquirindo é fundamental, considerando que é sobre esse mesmo registro que se situam os esforços de organização sindical dos socialistas. Todavia, enquanto os anarquistas proclamam à ação direta e à greve geral de solidariedade, os socialistas privilegiam a luta corporativista, a ação legalista e parlamentar. Os confrontamentos entre os dois grupos são de grande virulência verbal, e, às vezes, até mesmo física, mas sem maiores conseqüências. O partido socialista operário argentino (P.S.O.A.) é criado em 1896 e, em 1897, já existem onze associações socialistas em Buenos Aires, e o mesmo tanto de sindicatos de afinidade. Uma nova publicação com um

título antigo — *La Vanguardia* — surge nesse ano como "órgão central do P.S.O.A."

### *La Protesta Humana* e a criação da F.O.A.

O novo periódico, *La Protesta Humana*, terá uma vida agitada, problemática e frutuosa; ele será durante longos anos um dos raros cotidianos anarquistas no mundo. Sua publicação foi mantida por vários grupos da tendência organizacional; uma revista teórica de mesma orientação, *Ciencia Social*, editada por Fortunato Serantoni, precede-o de dois meses; o Dr. John Creaghe, que insistia nas colunas de *El Oprimido* quanto à necessidade imperiosa para os anarquistas de se organizarem nas sociedades de resistência, decide abandonar sua publicação para juntar-se ao *La Protesta Humana*.

*L'Avvenire*, em língua italiana, que havia igualmente começado sua carreira em 1894, sentia-se intimamente ligado pelo projeto e, após uma estreita colaboração, tornar-se-á um suplemento de *La Protesta*. Entre as numerosas publicações que aprovavam o projeto organizacional, podemos citar, evidentemente, *El Obrero Panadero*, que continuava a circular sem periodicidade fixa, *La Libre Iniciativa* de Rosario etc. Não podemos esquecer, por seu caráter pioneiro, *La Voz de la Mujer*, dirigido por Josefa Calvo, em Buenos Aires (1896), antes de ser reeditado em Rosario, bem acolhido pelos círculos de mulheres anarquistas. Essa publicação denunciava a dupla exploração da mulher pelo capitalismo e pelos machos, condenava a família patriarcal e não poupava em sua crítica os homens, anarquistas no sindicato e tiranos em casa.

Foi um grupo de operários que lançou em abril a idéia de um jornal que se tornaria hebdomadário, mas o número 1 de *La Protesta Humana*, datado de 13 de junho de 1897, aparece como bimensal, pois os magros recursos



coletados não permitiu sua saída semanal senão a partir do nº 10, datado de 1º de outubro de 1897.<sup>20</sup>

Gregorio Inglan Lafarga — que, ao lado de seu ofício de operário ebanista, desenvolvia uma intensa atividade jornalística — publicara nos últimos tempos, com Reguera, um periódico intitulado *La Revolución Social*. Sua atitude “serena e equilibrada”, no dizer de Santillán, contribuiu enormemente para a consolidação de *La Protesta Humana*, durante os cinco primeiros anos, no qual exerceu a função de diretor. Francisco Berri, padeiro — mais tarde o primeiro tesoureiro da Federación Obrera Argentina (F.O.A.) — encarregava-se da administração.

Pouco após a fundação de *La Protesta*, chega a Buenos Aires José Prat, propagandista das idéias anarquistas em Barcelona e defensor, com Ricardo Mella, dos acusados do ruído processo de Montjuich. Prat retorna à Espanha em março de 1898. Durante sua curta participação, preenche as colunas do periódico com seus artigos, e, graças a ele, Ricardo Mella e Anselmo Lorenzo são igualmente publicados em *La Protesta Humana*.

Outras penas, mais locais, rapidamente se integram à redação, como os médicos Creaghe e E. Arana, e, progressivamente, jornalistas, oradores e poetas tais como Altair (Mariano Cortés), Pascual Guaglianone, Felix Basterra, Eduardo G. Gilimón, Alberto Ghirardo, Florencio Sánchez.

Para a organização operária em gestação foi aparentemente o momento oportuno para a publicação, em *La Protesta Humana*, de doze artigos intitulados “A organização operária”, e assinados pelo pseudônimo de Pellico. O primeiro aparece em 17 de novembro de 1900, e, nesses artigos, Antonio Pellicer Paraire faz o esboço do que será “o corpo doutrinal” da futura Federación Obrera. Tal organização não deve ser um simples órgão de defesa, mas um instrumento para despojar a burguesia de seus privilégios e instaurar uma nova ordem social. Não apenas Pellicer Paraire define um livre pacto federativo, como também insiste na consciência do trabalhador:

Cada indivíduo deve conservar sua liberdade e seu direito, igual ao direito e à liberdade de seus co-associados, e não deve consentir que em seus atos, seus centros de interesse, no seio de sua sociedade, no que é criado para o bem de todos, seu direito e sua liberdade sejam conspurcados por quem quer que seja.

Sendo a associação operária um produto das vontades para fins determinados, essas vontades devem ser ativas; significa dizer que cada

um e todos juntos devem trabalhar pelo objetivo perseguido e não permitir que uns se encarreguem de fazer tudo e outros sejam indiferentes a todo trabalho, pois isso produz vítimas dos preguiçosos e daqueles que adoram comandar (mandões).<sup>21</sup>

Antonio Pellicer Paraire era um operário tipógrafo que havia pertencido ao grupo dito de “la Academia” de Barcelona, dirigido por Farga Pellicer (Primeira Internacional de orientação bakuninista<sup>22</sup>). Emigrou para a Argentina em 1891, e pode-se dizer que ele foi “o motor do congresso que levou à fundação da Federación Operária”.

As grandes greves desses anos facilitaram um certo trabalho em comum entre socialistas e anarquistas, estes últimos aguilhoados pelos defensores da organização operária e os primeiros empurrados pela radicalismo da luta operária que os obrigou a acentuar as tendências de protestação social.

Assim, em 25 de maio de 1901, nos salões da Sociedade Ligure, situada no bairro de La Boca de Buenos Aires, inaugura-se o Congresso Obrero Gremial (congresso operário dos corpos de ofício) com a participação de 50 delegados representando 27 sociedades operárias da capital e da província. O congresso reúne-se nos dias 25 e 26 de maio e em 2 de junho, e anarquistas e socialistas dão prova de moderação na constituição em comum da Federación que assume o nome de Federación Obrera Argentina (F.O.A.).

A primeira resolução, votada por unanimidade, reconhece que, tendo em vista que no seio de suas coletividades todas as tendências políticas e sociais têm um lugar, o congresso declara:

Que ele não tem engajamento de qualquer espécie nem com o partido socialista nem com o anarquista, nem com qualquer partido político, e que sua organização, seu desenvolvimento e seu campo de ação são totalmente independentes e autônomos. Em consequência, a organização aprovada por esse congresso é exclusivamente de luta e de resistência.

A declaração foi redigida e apresentada pelo sindicato das Artes Gráficas, do qual dois delegados eram anarquistas.

Para melhor compreender o espírito dessa assembléia, vejamos duas concessões respectivas, — de estatura, tendo em vista a época — que se fizeram legalistas e revolucionárias.

A primeira discussão séria e inflamada concerniu à arbitragem. A ação direta era um artigo de fé para os anarquistas, assim como a arbitragem o era para os socialistas. Inglan, relator, pronuncia-se contra a arbitragem e aconselha o congresso a fazer o mesmo. O último orador do debate foi Pietro Gori, que apresentou uma moção de compromisso, aceitando a arbitragem em determinadas circunstâncias. A F.O.A., diz ele, "reserva-se, em certos casos, a resolução dos conflitos econômicos entre o capital e o trabalho pelo julgamento arbitral, não aceitando como árbitros senão as pessoas que apresentem garantias de respeito pelos interesses dos trabalhadores". A contagem dos votos, feita com grande zelo, apresentou como resultado 21 votos a favor, 17 contra e 4 abstenções. As controvérsias provocadas por essa resolução terão repercussões no campo anarquista, e A. Pellicer Paraire publicará uma severa crítica em *La Protesta Humana*. Gori foi obrigado a justificar-se e clarificar sua posição.

Pietro Gori chegou à Argentina em junho de 1898; consagrou-se imediatamente à propaganda. Teve de fugir de Milão onde fora condenado por contumácia a 21 anos de prisão; Buenos Aires foi seu refúgio e uma terra fértil para suas idéias; sua atividade e seu prestígio como poeta, advogado e criminologista muito fizeram pela aproximação da juventude intelectual e boêmia com o anarquismo. Gori deixou a Argentina em janeiro de 1902.

A outra concessão nesse primeiro congresso da F.O.A. foi a dos socialistas. A greve geral era um apelo e uma pregação constante dos anarquistas à qual os socialistas, também na Argentina, opunham-se por princípio. A resolução do congresso reconhece que a greve geral deve ser a base essencial da luta econômica entre o trabalho e o capital, satisfazendo os anarquistas, mas acrescenta um porém: quando a oportunidade de promovê-la com sucesso for demonstrada. Foi então a vez dos socialistas, após o congresso, discutirem asperamente as razões dessa concessão às posições anarquistas.

Eles também aprovaram, como táticas de luta, o boicote, defendido por Francisco Cuneo (socialista) e a sabotagem, proposta por Inglan.

O voto secreto, pelo qual foi eleita a comissão administrativa da Federação, deu ampla maioria aos anarquistas, o que prova sua influência nos meios ativos do proletariado nessa época de formação da organização operária.<sup>25</sup>

O ano de 1901 vê consolidar-se e ampliar-se a ação anarquista nos sindicatos. Em abril, começa uma série de assembleias de operários do porto da capital, que levam à fundação da sociedade de Resistência dos operários desse porto; ela se tornará uma forte organização no seio da futura F.O.R.A., que,

em 1952, ainda tinha a capacidade de paralisar todas as atividades do porto, como veremos mais adiante.

O anarquista Ros contribuiu em particular para a criação do referido sindicato, e, muito rápido, a ação militante estende-se a outros portos como os de Bahía Blanca e Rosario. O sindicato desta última cidade denominou-se Sindicato dos Estivadores Revolucionários, pois ele devia combater também uma organização pró-patronal, o Sindicato dos Operários Católicos, fundado pelo padre Grote.

Em meados do ano, grandes greves eclodem em diferentes regiões do país. Em Buenos Aires, os padeiros paralisam o trabalho, empregando o boicote e a sabotagem e, após algumas semanas, eles obtêm um triunfo quase completo. Ao sul da província, na zona de Bahía Blanca, os operários grevistas que constroem a ferrovia do Sul, logram êxito com a arbitragem de Pietro Gori, depois de se terem acantonados — armados para se defender dos bombeiros e dos policiais — em seus acampamentos ao longo da via férrea. Um outro movimento importante produz-se em Rosario, na empresa de açúcar Refinaria Argentina, na qual o diretor ameaçara despedir. Os operários enviam uma delegação encabeçada por R. Ovidi, propagandista anarquista de Rosario bem conhecido. O chefe de polícia prende Ovidi e, na confusão que se segue, ele mata com um tiro de revólver o operário Cosme Budeslavich, cujo nome permanecerá como sendo o da primeira vítima da repressão anti-operária.

A notícia de sua morte desencadeará uma greve de solidariedade em Rosario e em várias grandes cidades.

Fim de 1901, as greves de estivadores multiplicam-se, em particular em Buenos Aires e em Rosario, onde a tentativa de fazer intervir fura-greves, orquestrada pelo sindicato católico, foi frustrada pela resposta enérgica do Sindicato de Estivadores Revolucionários.

Essa situação geral de agitação, que os anarquistas tentam radicalizar ampliando o alcance das greves, buscando a confluência das greves corporativistas com as greves de solidariedade, bem como o crescimento da força orgânica do anarquismo no seio da F.O.A., não podia em absoluto agradar aos socialistas.

A reação socialista produziu-se como consequência ao congresso constitutivo da F.O.A., quando a resolução de suspender a publicação de *La Organización*, para dar lugar a *La Organización Obrera* como porta-voz da Federação, não foi executada pelos sindicatos — de orientação social-democrata

— que o editavam e que haviam aceitado o princípio quando da votação. Os doze sindicatos ligados a *La Organización* declararam que lamentavam ter consentido na resolução do congresso, que acreditavam ser prematuro esse passo ao qual tinham sido forçados, e que, por consequência, consideravam necessário continuar seu periódico. O clima deteriorou-se e *La Protesta Humana* acusou os dirigentes do Partido socialista de fazerem complo para orientar a F.O.A. para os interesses eleitorais do partido ou dividi-la, se isso não fosse possível.

Desde o início do segundo congresso já existia uma forte tendência à cisão. Esse II Congresso da Federação Operária Argentina realizou-se entre os dias 19 e 21 de junho de 1902, no salão Worworts de Buenos Aires (o antigo salão dos socialistas alemães, fonte do socialismo argentino) com a presença de 86 delegados representando 47 sociedades.<sup>24</sup>

O conflito eclodiu rapidamente na comissão de verificação dos mandatos, e, quando se pôs em votação a aceitação ou a rejeição das delegações contestadas, tornou-se flagrante que a maioria era anarquista. Quando se pediu pela quarta vez um voto sobre a mesma delegação já rejeitada, o debate degenerou em tumulto, e a minoria, sabendo-se impotente, aproveitou-se da situação para abandonar o congresso. Há várias versões quanto ao número daqueles que permaneceram na Federação e dos que a deixaram. Uma delas assinala doze organizações que partem e vinte e sete que permanecem. Outros dizem dezenove e vinte e nove respectivamente. Quanto ao número global de filiados, Santillán dá a seguinte distribuição: as sociedades que se retiram reúnem 1.780 membros, as que continuam 7.630.

A partir desse momento, a Federação Operária Argentina inscreve-se na linha antiautoritária definida pelo congresso de Saint-Imier. Oved tem razão ao dizer que o equilíbrio delicado do primeiro congresso desfez-se diante do primeiro obstáculo. A separação envolveu todos os delegados socialistas (inclusive militantes devotados à F.O.A., como Francisco Cuneo), e eles abandonaram o congresso.

Os anarquistas não se inquietaram com essa separação e continuaram a debater os pontos da ordem do dia. Também é possível supor, razoavelmente, que esse afastamento lhes convinha.<sup>25</sup> *La Protesta Humana* saudou a cisão como benéfica.

O segundo congresso da F.O.A. aprovou importantes resoluções contra o trabalho noturno, contra o trabalho por peça, contra o militarismo, contra os sindicatos católicos; ele ratificou a importância do boicote e da sabotagem,

e pronunciou-se a favor da criação de uma ampla instituição de ensino livre. Decidiu-se, também, começar uma campanha ativa para que as operárias constituíssem sociedades de resistência.

Quanto às crianças, decidiu-se fazer tudo o que fosse possível para impedir que elas fossem às oficinas antes dos quinze anos. Elas permanecem sob a proteção das diferentes sociedades de corpos de ofício para evitar a exploração bárbara, como é o caso atualmente.<sup>26</sup>

Os sindicatos dissidentes reuniram-se em Comitê de propaganda para formalizar uma decisão já prevista por *La Organización*: a criação de uma nova central de trabalhadores. E, em janeiro de 1903, nasce a Unión General de Trabajadores (U.G.T.) que preconiza, diz Santillán, uma tática de reformas parciais, moderação na luta e conquistas legais.

### A lei de "residência" e a resistência operária. A F.O.R.A.

Todavia, entre novembro de 1902 e janeiro de 1903, produzem-se acontecimentos de importância capital na Argentina. Esse período vê o enraizamento crescente da Federação operária nas classes pobres do país, e também constitui uma etapa de grande combatividade proletária sob a influência do ativismo anarquista.

A onda de greves de novembro começa com a luta da federação dos estivadores para reduzir o peso das sacas de cereais de 120 para 65-70 quilos. Os operários do Mercado central de frutas apresentam as mesmas exigências. A partir de 4 de novembro começa a paralisação do porto de Buenos Aires e, pouco depois, produzem-se conflitos nos portos de Campana e Zárate no rio Paraná, com a intervenção violenta da polícia. E a intervenção dos marinheiros e dos bombeiros como fura-greves no "frigorífico" de Campana contribui para o mal-estar. O governo generaliza o envio de pelegos, utilizando todos os meios, como a utilização dos prisioneiros. Os círculos da Câmara de Comércio pedem abertamente o desmantelamento da Federação operária e o aniquilamento desse viveiro do anarquismo.<sup>27</sup> Pouco antes da eclosão da greve dos estivadores, formara-se a Federación de Rodados (Federação de transportadores de mercadorias na cidade) pela iniciativa do Sindicato dos

Cocheiros — a maioria de seus membros reconhecera-se nas posições anarquistas —; ela integrou-se à F.O.A. Essa federação inscreve no artigo primeiro de seu regulamento federal a seguinte cláusula:

No caso de capitalistas ou patrões tentarem fazer fracassar um movimento apelando para os fura-greves, a Federação declarará a greve de solidariedade.

A ocasião apresentou-se de imediato, e as greves de solidariedade paralisaram totalmente o porto, órgão vital da economia argentina. A extensão da mobilização operária surpreendeu inclusive os militantes anarquistas que insistiam em sua propaganda sobre a greve geral, mas que, aparentemente, não acreditavam que ela fosse iminente. A burguesia medrou, e o governo adotou medidas de repressão draconianas. Em um primeiro momento, o ministro do interior, J. V. González, hesitou entre a aplicação do estado de sítio e a promulgação de uma lei de exceção, decidindo-se, enfim, por esta última. Para a imprensa conservadora e para os empregadores — incapazes de compreender o fenômeno social senão através da luneta de seus próprios interesses de classe —, essas greves eram a obra de agitadores radicais, e eles só podiam ser anarquistas e estrangeiros. Foi assim que pensaram ressumos antigos projetos relativos à "imigração maisã" e que, na precipitação, apelaram a um projeto de lei concernindo à expulsão dos estrangeiros, que dormitava nas comissões do Congresso, apresentado pelo senador Cané, em 1899.

O rumor da iminência de uma lei desse tipo espalhou-se como um raio de pólvora aceso nas ruas de Buenos Aires e, em 20 de novembro, a F.O.A. lançou um manifesto declarando a greve geral. Um diário de grande tiragem, representando classes médias bem-pensantes — *La Prensa* — escreveu em sua edição de 21 de novembro:

Nunca se produziu na República Argentina um movimento operário de defesa e proteção com as proporções e a importância deste em questão.

Nos bairros operários, produziram-se afrontamentos com a polícia e com grupos de fura-greves. Segundo *La Prensa*, ouviram-se nos subúrbios os gritos: "Viva a anarquia!" e "Viva a revolução social!"

O exército patrulhava as ruas, e houve trocas de tiros com os fura-greves, aos quais o chefe da polícia havia concedido porte de arma.

A greve estendeu-se a todos os portos e às grandes cidades. Quase todos os corpos de ofício puseram-se em greve.

Em 22 de novembro, o Partido Socialista pediu tanto ao governo quanto aos operários para darem prova de moderação e bom senso. Todavia, ao mesmo tempo, reuniu-se o Senado — que aprovou após duas horas de debate a lei apresentada por Cané —, em seguida foi a Câmara dos deputados que, assim como o Senado, votou em menos de duas horas o que se tornaria a lei 4.144, denominada lei de "residência", e qualificada pelos operários de "lei baldón" (lei celerada). No mesmo dia, à meia-noite, a lei foi promulgada pelo governo. Essa lei de exceção permitia a deportação imediata de todo estrangeiro, sem qualquer possibilidade de recurso. Foi uma arma terrível utilizada ampla e brutalmente durante as grandes crises (ela permaneceu em vigor durante sessenta anos e foi abolida pelo governo de Arturo Frondizi, 1958-1962). Durante a discussão na Assembléia, o deputado Basterra perguntou àqueles que exigiam a lei de expulsão dos estrangeiros: "o que faremos com os anarquistas autóctones que estiverem em ação?" Entretanto, ele não obteve resposta.<sup>28</sup> A História encarregou-se disso.

Em 23 de novembro, a greve continua a ampliar-se; a notícia da promulgação da lei exacerba ainda mais os espíritos. O governo proclama, então, o estado de sítio; a primeira medida oficial foi a censura às informações que tratassem da greve geral em toda a imprensa. Mas a polícia não esperou que as leis fossem votadas ou que os decretos fossem publicados e, desde o dia 21, *La Protesta Humana* era posta sob seqüestro e seus locais fechados.<sup>29</sup> Na noite do sábado 22, inúmeros alojamentos de militantes operários são perquiridos. Aproximadamente quinhentas pessoas são presas durante a primeira semana após a proclamação do estado de sítio. Todos os locais da F.O.A. são fechados, bem como os centros socialistas.

A censura que sufocou a imprensa em geral foi aplicada com particular rigor a todos os periódicos operários que foram, além disso, proibidos. Malgrado isso, Alberto Ghirardo e Florencio Sánchez<sup>30</sup> desafiam-na e publicaram durante os primeiros dias de greve um suplemento cotidiano de sua revista *El Sol* com informações sobre o desenrolar do conflito.

A aplicação da lei de "residência" não se fez esperar; todos os anarquistas estrangeiros que eles conseguiram prender foram deportados, e houve, inclusive, expulsões arbitrárias que não tinham fundamento nessa lei. No entanto,



os militantes mais visados já haviam tomado suas precauções, não sendo encontrados nem Torrens Ros, secretário dos estivadores, nem Inglan Lafarga, diretor de *La Protesta*. Fortunato Serantoni foi obrigado a fugir; sua *Librería Sociológica*, situada no centro de Buenos Aires foi saqueada, assim como a sede do periódico *L'Avanture*. Números foram os deportados, como Basterra e Ristori, que, com a ajuda dos companheiros uruguaios, puderam abandonar, no porto de Montevídeu, o navio que os conduzia à Europa.

A greve geral não durou muito tempo, contudo, com a suspensão do estado de sítio, em 1º de janeiro de 1903, pôde-se constatar que a repressão não havia conseguido acabar com as greves nem impedido duravelmente a atividade anarquista.

A greve dos *peones* do Mercado central de frutas retomou imediatamente, e, após dez dias de luta tão enérgica quanto em novembro, os capitalistas acabaram por ceder. *La Protesta Humana* reapareceu de imediato, em janeiro, com Alcides Valenzuela como diretor, que, tendo em vista sua condição de argentino, estava ao abrigo da deportação, mas não dos estorvos policiais, pois foi preso várias vezes no decorrer do ano. A constante perseguição da polícia e a frequente apreensão de exemplares, na saída da tipografia, não impediram a expansão do jornal que, em outubro, tinha por tiragem entre 7.000 e 8.000 exemplares.<sup>31</sup> Nesse mesmo ano, o infatigável John Creaghe assume a administração e, por sua iniciativa, muda-se o nome para *La Protesta*, título que o periódico mantém até hoje.

A F.O.A. logo se reorganizou, e a influência anarquista intensificou-se. Em 1º de maio de 1903, a Federação reúne 25.000 manifestantes na capital. Em junho realiza-se o III Congresso da F.O.A. Entre todas as organizações

operárias que dele participam, observa-se a importância adquirida pelo anarquismo, e sua hegemonia é evidenciada nas resoluções votadas pelo Congresso, que prefiguram a declaração "finalista" do V Congresso.

Por exemplo, o 4º ponto da ordem do dia abre a discussão sobre as petições aos poderes públicos: a proposição aprovada foi a dos operários do tabaco que estabelecia que a Federação operária nunca enviaria petição aos poderes públicos.

Transcrevemos duas outras resoluções desse congresso, que vão no mesmo sentido:

É preciso estimular o espírito de solidariedade e de ação, pois deste último sempre dependerá o sucesso de todos os movimentos parciais, precursores da eclosão geral, na qual intervirão necessariamente os meios revolucionários.

As proposições relativas à luta política e econômica apresentadas pelos mecânicos, fundidores, entregadores de pão, sapateiros, marceneiros, funileiros, gasistas de Buenos Aires e pelos mecânicos de Mendoza foram reagrupadas em uma única, aprovada pelo Congresso:

A organização econômica do proletariado pode ser considerada como o primeiro passo no caminho da emancipação do operário. O socialismo operário é uma concepção muito ampla da qual é necessário excluir toda idéia de ação legislativa e parlamentar, hoje reduzida, ou, antes, circunscrita ao espírito estreito de um partido qualquer.<sup>32</sup>

Essa preponderância do anarquismo na F.O.A. só fez aprofundar as divergências com os socialistas, que tinham dificuldades em suas fileiras. Como já o dissemos, a resolução do Comitê de propaganda sindical para convocar um congresso operário e criar uma nova federação concretizara-se na assembléia constitutiva da U.G.T. (Unión General de Trabajadores), reunida em Buenos Aires de 7 a 15 de março de 1903, com a participação de 22 sindicatos da capital e 19 do interior. Entretanto, na véspera dessa assembléia, o secretário do sindicato dos ferroviários e líder socialista A. Zacagni criticou a criação de uma organização paralela à F.O.A., considerando-a como um ato de divisão da classe operária: ele preconizou a entrada dos sindicatos sob influência socialista na federação já existente. O sindicato dos pedreiros, que havia se distanciado da F.O.A., também rejeitou a criação da U.G.T. e

anunciou que não se filiará a ela. Os debates desse primeiro congresso de fundação mostram, além do mais, que a maioria não desejava enfeudar-se ao Partido Socialista, embora aceitando uma posição legalista e parlamentar, e que ela queria manter a neutralidade de uma organização de classe autônoma. Uma parte dos delegados manteve alguns pontos de vista próximos aos da F.O.A., reconhecendo, por exemplo, a possibilidade do recurso à greve geral.<sup>33</sup> Essa posição concretizou-se há mais tarde em uma corrente de orientação sindicalista no seio do socialismo, que introduzirá, na Argentina, os princípios da Carta de Amiens.

No ano seguinte, em 1904, alguns dias antes do IV Congresso, a F.O.A. publicou os seguintes dados: entre 15 de abril e 15 de julho de 1903, 42 sociedades de resistência haviam aderido, pagando 15.212 cotizações; durante o mesmo período, o número total de sociedades elevava-se a 66 com 32.893 cotizações arrecadadas.

Entre esses dois períodos mencionados, é preciso assinalar dois fatos importantes por suas repercussões e de significação oposita: um foi a manifestação da praça Mazzini, o outro, o surgimento do *La Protesta* diário.

O 1º de Maio não era um dia de festa, mas de manifestação e reivindicação operária. Esse 1º de Maio de 1904 anunciava-se como uma manifestação de força e confiança das organizações proletárias. A F.O.A. reuniu na praça Mazzini entre 40.000 e 50.000 pessoas. O número de manifestantes reunidos pela U.G.T. e pelo Partido Socialista foi em torno de 20.000.

A marcha dos socialistas não foi acompanhada pela polícia, em contrapartida, "uma importante força de polícia seguia a manifestação" da F.O.A., e "vários grupos armados estavam postados ao longo do percurso previsto". Quando a manifestação chegou à praça Mazzini, eclodiu um incidente (segundo algumas versões por causa de um bonde que não havia seguido a palavra de ordem de greve). O esquadrão de cavalaria carregou contra os manifestantes e seguiu-se uma intensa troca de tiros. Houve quinze feridos e dois mortos, o operário marítimo J. Ocampo e um policial. O acontecimento teve ampla repercussão, e a brutalidade da polícia foi também denunciada pelo Partido Socialista. Uma centena de pessoas foi presa, e o local da Federação Operária permaneceu fechado até 13 de maio. Esse 1º de Maio será o prelúdio de sangrentas repressões que se seguiram.

O outro acontecimento foi a consequência natural da amplitude que começava a ganhar o movimento operário. Em janeiro de 1904 foi anunciado para breve a publicação cotidiana de *La Protesta*. Enquanto se preparava para



Primeiro número de *La Protesta* diário. 1º de abril de 1904.

isso, o doutor Creaghe decidiu comprar uma tipografia, tanto para atenuar o efeito das mudanças freqüentes exigidas pela perseguição da polícia quanto para reduzir os custos da publicação.

O número 253 de 5 de março será impresso com uma nova tipografia e em nossa gráfica. Em 1º de abril aparecerá o primeiro número de *La Protesta* cotidiano.<sup>34</sup>

Alguns meses mais tarde, de 30 de julho a 2 de agosto, realiza-se o IV Congresso da Federação. Esse congresso, além dos temas habituais concernindo à condição operária, decide que, doravante, o nome da organização será aquele de Federação Operária Regional Argentina (F.O.R.A.). O acréscimo de "regional" era uma consequência do cosmopolitismo anarquista que não aceitava a divisão política do território feita pelos Estados nacionais. Aproveitou-se, também, a carta da organização conhecida

sob o nome de Pacto de Solidariedade. O Pacto é um elemento complexo que define os princípios e o modo de organização. Começa afirmando "que o homem é sociável e, por consequência, a liberdade de cada um não é limitada pela do outro, segundo o conceito burguês, mas sim, um complemento daquela dos outros" (o leitor avisado reconhecerá a frase de Bakunin ainda que o texto não o cite). Os esforços da Federação devem ter por objetivo a emancipação completa do proletariado, constituindo "com os explorados de todas as nações a grande confederação de todos os produtores da Terra". Assim, "os membros dos organismos que representam as federações de ofício e ofícios simi-



lares, sendo absolutamente autônomas em sua vida interior e de relação, não exercerão nenhuma autoridade e poderão ser substituídos a todo momento pelo voto das sociedades federadas...". Então, "a sociedade é livre e autônoma no seio da Federação local; livre e autônoma no seio da federação "comarcial", livre e autônoma na Federação regional." Mas há também uma restrição: "Para ser admitido no congresso como delegado, o representante deve demonstrar sua condição de filiado a uma das sociedades que aderiram a esse pacto, e não deve exercer ou ter exercido qualquer cargo político, tal como deputado, vereador, alto escalão da administração etc." O Pacto de Solidariedade termina assim:

Nossa organização, puramente econômica, é diferente e oposta àquela de todos os partidos políticos operários, visto que, do mesmo modo que eles organizam-se para a conquista do poder político, nós nos organizamos para que os Estados políticos e jurídicos hoje existentes, permaneçam reduzidos a funções puramente econômicas, colocando em seu lugar uma livre federação de livres associações de produtores livres.

O conteúdo ideológico, francamente antiautoritário, que aparece nas resoluções do Congresso, não deve ocultar o fato de que os anarquistas ativos da F.O.R.A. constituíam uma minoria entre os filiados das sociedades de resistência, a grande maioria sendo formada pelos operários explorados que defendiam seu pão cotidiano. Essa realidade foi claramente exprimida no número de setembro de *La Organización Obrera*, órgão da Federação que dizia:

Aquele que for, por pouco que seja, observador, verá que nas sociedades de resistência existem duas tendências: uma representada pela minoria que, sem negligenciar o presente, busca o bem-estar para o futuro, e uma outra que emana da maioria e que só se ocupa com o presente.

A conclusão necessária para o militante era que a minoria deve empregar a propaganda e a educação para que a maioria compreenda que sem uma finalidade de transformação global da sociedade, todas as conquistas imediatas e corporativistas serão desperdiçadas em um esforço digno de Sísifo. Essa tendência, que tentava conjugar as atividades sindicais e a concepção anar-

quista da luta operária, afirmou-se ainda mais durante esse período do fim de 1904, em que a conquista, ao alcance da mão, das 8 horas de trabalho, desencadeou uma nova onda de greves. Estas culminaram em uma greve geral em dezembro, após a violenta repressão da polícia da cidade de Rosario onde a federação local de tendência anarquista suscitara os atos de reivindicação. A brutalidade policial teve por resultado seis mortos e dezenas de feridos.

A F.O.R.A. convocou a greve geral nos dias 1 e 2 de dezembro, aderida pela U.G.T. e pelo Partido Socialista. As autoridades adotaram severas medidas: corpos do exército foram postados nas cercanias da capital (5.000 homens em Campo de Mayo) além dos bombeiros e da polícia federal. Canhões foram colocados nos subúrbios, e dois vasos de guerra ancoraram no porto (o *9 de Julho* e o *Maipú*). Em Buenos Aires, bem como nas grandes cidades do interior, a paralisação foi total. Foi uma greve geral pacífica, uma manifestação de força impressionante e silenciosa do proletariado argentino.<sup>35</sup>

Não apenas a questão social, mas igualmente a situação política do país estavam agitadas no início de 1905. Em fevereiro eclode uma insurreição armada do Partido Radical (representante da classe média liberal) que fracassa. O governo declara o estado de sítio e a censura de todas as publicações. *La Protesta*, cujo diretor é nesse momento Alberto Ghirardo, foi o único jornal a ignorar a proibição; ele foi imediatamente perquirido e fechado. *La Protesta* persistiu com um boletim clandestino, mas a polícia, tendo como pretexto a insurreição radical, desencadeou um amplo movimento de repressão entre as organizações operárias e os anarquistas. Vários membros do conselho federal da F.O.R.A. foram detidos. Em alguns dias são perquiridos e fechados os locais dos ferroviários, pedreiros, padeiros, marceneiros e a federação do calçado.

Inglan Lafarga é detido e deportado. Ghirardo, com dezenas de operários, é embarcado à força no vaso de guerra *Maipú*, transformado em prisão. Até mesmo argentinos nativos, como Ghirardo, ao saírem da prisão, são deportados para Montevideú. A F.O.R.A. faz nova convocação à greve geral, mas, tendo em vista a situação, não consegue ser ouvida. A atividade operária extingue-se durante os meses do estado de sítio, os locais operários permanecem fechados e vigiados e aproximadamente 400 militantes são encarcerados. Malgrado isso, o 1º de Maio, a exortação clandestina à greve obtém sucesso no porto de Buenos Aires, em Rosario e alhures. Em 5 de maio o estado de sítio é levantado; no dia 14, *La Protesta* retoma sua publicação, e sua tiragem "é multiplicada por três, ou mesmo, quatro".<sup>36</sup> Uma grande manifestação

protesto contra a política repressiva do governo prepara-se de imediato, à qual aderem a F.O.R.A. e a U.G.T. além do Partido Socialista e dos grupos anarquistas. Em 21 de maio, dia da manifestação, aproximadamente 40.000 pessoas percorrem as ruas da capital; quando a manifestação chega à Praça Lavalle, o esquadrão de cavalaria, denominado pelo povo "os cossacos", carrega contra os manifestantes. Haverá dezessete feridos graves e três mortos.

Os estorvos policiais, o fechamento dos jornais e a aplicação constante da lei de "residência" não impediram o crescimento da organização operária; ao contrário, favoreceram o estreitamento de relações, sobretudo no seio da U.G.T., com os anarquistas. Nas duas organizações, ouvem-se vozes exigindo a unificação.

Durante o III Congresso da U.G.T., em agosto do mesmo ano, ouve-se pela primeira vez, em uma assembléia de trabalhadores na Argentina, uma minoria militante exprimir as idéias do sindicalismo revolucionário. Essa corrente defensiva, ainda com balbucios e de modo não claramente formulado, os pontos principais da doutrina<sup>37</sup> que a F.O.R.A. criticará com muita clareza por ocasião da fundação da A.I.T. de Berlim em 1922. O "sindicalismo", introduzido por militantes socialistas, combatia vigorosamente o anarquismo tal como ele se exprime naquele momento no proletariado argentino, mas ele também atacava o reformismo do Partido Socialista. Os "sindicalistas", que a F.O.R.A. sempre chamará de sindicalistas "puros" ou neutros, sob a influência das lutas comuns desse ano contra a repressão do governo, propuseram que o congresso da U.G.T. encorajasse a um pacto com as outras associações operárias "sob a condição de que isso não cause prejuízo a seu método de luta".

O Congresso resolve "propor à consideração de todas as organizações operárias do país a realização de um pacto de solidariedade a fim de unificar as forças e a ação da classe operária organizada nas seguintes circunstâncias: 1. Para opor-se à lei nacional do Trabalho; 2. Para lutar contra a proclamação do estado de sítio; 3. Contra a lei de "residência".

A minoria propõe também "aceitar a greve geral como meio específico de luta proletária por sua eficácia moral e material...", sem sucesso. Entretanto, essa minoria consegue aprovar a seguinte proposição: o III Congresso "decide aceitar a luta política em sua verdadeira significação de luta de classes; e a ação parlamentar, como não realizadora uma obra efetiva revolucionária, que só serve de complemento à obra material e positiva realizada pelo proletariado sobre o verdadeiro *front*... quer dizer, o terreno econômico".

O Partido Socialista reage com descontentamento, e publica em *La Vanguardia* vários artigos críticos relativos "à incoerência" do congresso e, sobretudo, ridicularizando "a inaceitável" resolução quanto à ação política. Em contrapartida, *La Protesta*, sob a pena de Ghirardo, acolhe com simpatia o espírito de cooperação, e, inclusive, de unificação entre as organizações operárias emanado do congresso da U.G.T., posição que não será partilhada pela maioria dos militantes anarquistas como vimos rapidamente.

### V Congresso da F.O.R.A.: a declaração "finalista"

Nesse mês de agosto de 1905, abre-se o V Congresso da F.O.R.A., que será um marco fundamental na marcha do anarquismo e do movimento operário na Argentina, inaugurando uma experiência sem igual na história do proletariado militante.

Quando a decisão do conselho federal de convocar um congresso foi conhecida, a imprensa burguesa pediu ao governo a proibição do que se considerava como atividades subversivas; a polícia reforçou imediatamente as detenções arbitrárias e temeu-se não poder realizar o congresso, o que aumentou a tensão nos sindicatos e contribuiu para a radicalização ideológica. Soube-se, então, que a federação de Rosario ia apresentar uma moção relativa "à necessidade de propagar o comunismo anarquista nas sociedades operárias".

O V Congresso realizou-se de 26 a 30 de agosto, em meio a brutalidades policiais e, se ele não foi proibido, foi certamente porque as autoridades tiveram medo das consequências se atissem demasiado o fogo, visto que alguns sindicatos importantes haviam pensado declarar a greve geral em caso de interdição. Dele participaram delegados de 41 sindicatos da capital e de cinco federações (as federações locais de Santa Fé, Rosario, Córdoba, Chacabuco e San Fernando) que reagrupavam 53 sociedades, mais uma federação de ofícios com 4 sociedades filiadas.

Na primeira sessão, saudou-se a criação da Federação Operária Regional Uruguia (F.O.R.U.) que realizava simultaneamente seu primeiro congresso.

Um tema que suscitou uma longa e viva troca de idéias foi esse da remuneração do cargo de secretário do conselho federal. Foi decidido que nenhum cargo seria remunerado.

Assim como em outros congressos, discutiram métodos de luta, reafirmando a importância do boicote e da sabotagem, ao que foi acrescentada a luta pelo "sigla".<sup>38</sup> A afirmação dos métodos de luta era uma questão fundamental, pois o Congresso devia tratar, em seguida, da proposição da U.G.T. de realizar um pacto solidário entre as duas federações. Os anarquistas consideravam inaceitáveis os métodos reformistas dos socialistas que a U.G.T. pretendia conservar: a arbitragem, as petições aos poderes públicos, a legislação operária, isto é, tudo o que estava fora da ação direta do proletariado. Após um longo debate quanto à proposição da U.G.T., ao qual a quase totalidade dos delegados participou, foi decidido:

Que o V Congresso considera inútil, ineficaz e contra-indicado todo ato solidário "escrito" com a U.G.T. Ao mesmo tempo, como a F.O.R.A. nada tem a ver com os ideais que poderiam dividir o operário, ela acolherá em seu seio todo operário ou grupo de operários que deseje ela ingressar.

O ponto final das deliberações foi o problema ideológico proposto pela federação de Rosario, e apoiado pelos padeiros de Lincoln, a federação operária local de Santa Fé e a Federação Operária Regional Uruguuaia, problema que foi tratado com dois outros temas: "Quais são os métodos que devem ser empregados para que as sociedades de resistência não se detenham na conquista das 8 horas?" e "De que métodos deve se servir o operário para conquistar sua completa emancipação?" A resolução que foi aprovada dizia:

O V Congresso operário regional argentino, conseqüente com os princípios filosóficos que são a razão de ser das organizações de federações operárias, declara: que ele aprova e aconselha a todos os seus aderentes a propaganda e a ilustração mais ampla possível, com o objetivo de inculcar nos operários os princípios econômicos e filosóficos do comunismo anarquista. Essa educação, evitando que eles se detenham na conquista das 8 horas, os conduzirá à sua completa emancipação e, por conseqüência, à evolução social buscada.

Quando o resultado da votação foi anunciado — 54 votos a favor e 2 contra —, aplausos e vivas eclodiram em um clima de exaltação, pois o Congresso foi ressentido como um triunfo moral, tanto por causa da resistência

oposta aos esforços da polícia para impedir sua realização, quanto pela natureza das resoluções aprovadas.

Após o término do Congresso, a partir do dia seguinte, engaja-se nas colunas de *La Protesta* uma polémica entre aqueles que criticavam a rejeição do pacto com a U.G.T. e os que defendiam globalmente as posições adotadas. Estes últimos — entre os quais se encontrava F. Jaquet, do secretariado da F.O.R.A. e Eduardo G. Gilimón, que pouco tempo depois assumiria a redação de *La Protesta* — insistiram nas diferenças que separavam reformistas e revolucionários, e afirmaram que a F.O.R.A. permanecia aberta a todos os operários, a todos os sindicatos, nas bases do Pacto de Solidariedade aprovado pelo IV Congresso. As sociedades de resistência aderentes, chamadas a ratificar as resoluções do congresso, fizeram-no quase sem oposição interna.

A orientação ideológica fixada pelo V Congresso, recomendando a propaganda e a ilustração mais ampla possível do comunismo anarquista, ficou conhecida como a tese do "finalismo forista". Segundo essa maneira de ver, o operário não se organiza nem adere a uma sociedade de resistência em função de uma idéia ou de uma crença filosófica ou ideológica, o operário organiza-se em função de sua condição de explorado — em função de sua condição de classe —, mas sua luta deve tender não apenas à melhoria das condições de vida e de trabalho presentes, mas, sobretudo, a mudar no futuro as bases da sociedade. É essa finalidade que o conjunto dos trabalhadores organizados, tendo alcançado coletivamente um nível mais elevado de compreensão das causas da exploração econômica e da opressão política, tem o dever de fazer conhecer e explicar a seus irmãos de miséria. E a formulação mais ampla dessa finalidade é representada pelo anarco-comunismo.

Essa concepção do "finalismo" explica por que, no espírito do militante anarquista, não há contradição entre a resolução que afirma que a F.O.R.A. "nada tem a ver com os ideais que poderiam dividir os operários" e "que ela acolherá em seu seio todo operário ou grupo de operários que dela desejem fazer parte", de um lado, e, do outro, a aprovação do anarco-comunismo.

O "finalismo" influenciou duravelmente e consolidou a marcha da Federação Operária Regional Argentina durante um período de lutas muito longo,<sup>39</sup> foi ele que lhe insuflou sua enorme capacidade de mobilização, quando diferentes circunstâncias, com freqüência trágicas, exigiram que os trabalhadores se lançassem em uma greve de solidariedade.

Uma firme declaração no seio da organização operária, bem antes do desenvolvimento em nível internacional do anarco-sindicalismo,<sup>40</sup> teve por

conseqüência, e é bem natural, críticas e polémicas no Interior da efervescência anarquista. Em Buenos Aires, aquele que defenderá com imenso ardor, uma aproximação entre as duas federações, será Pascual Guaglianone, militante anarquista de longa data, bem como Alberto Ghirardo. Essa questão suscitará um debate internacional, do qual participarão Malatesta e Fabbri, em oposição à declaração "finalista", debate que vai prosseguir por anos no *suplemento de La Protesta*, e que Malatesta retomará em seus artigos sobre anarquismo e sindicalismo, de início em *Umanità Nova*, entre 1920 e 1922, em seguida, em *Pensiero e Volontà*, entre 1925 e 1926. A discussão prolongou-se para além dos anos 1930 nas páginas de *Productor*, na Espanha. Todavia, na Argentina de 1905, a reflexão ideológica e o debate de idéias eram pontuados pelos imperativos da ação. Desde o final do V Congresso, uma nova onda de greves vai golpear o governo com uma enésima declaração de estado de sítio. Em 8 de setembro, *La Protesta* é proibido e não pode circular antes de 1º de janeiro de 1906.

"Houve inúmeras prisões, deportações, perseguições e, assim como da vez precedente, em que o vaso de guerra *Maipú* havia servido de prisão, desta vez foi o *Santa Cruz* que recebeu os operários aprisionados", escreve Santillán em sua crônica no jornal anarquista.

A F.O.R.A., com a adesão de 105 associações, começa uma campanha pela redução para seis horas de trabalho por dia, insistindo em seu VI Congresso (setembro) na importância da greve geral.

### Um rápido sobrevôo de sessenta anos de atividade

É impossível retrair nessas poucas páginas o desenvolvimento posterior da F.O.R.A., e as vicissitudes político-sociais que foram o terreno e as conseqüências da ação proletária durante os longos anos que ainda devemos percorrer até o seu desaparecimento quase total ao final dos anos 60. Assinalaremos apenas algumas das grandes lutas que desembocaram em greves gerais de solidariedade e as posições ideológicas que caracterizaram sua existência.

Por volta de 1907, o chefe de polícia de Buenos Aires era o coronel Falcón, inimigo encarniçado da classe operária, e que jurara acabar com os anarquistas da F.O.R.A.. Todavia, como todas as polícias assemelham-se, foi em Rosário, e não em Buenos Aires, que, nesse ano, a repressão às greves produziu

a mais forte reação. A origem do movimento veio de uma "carteira" de trabalho que quiseram impor aos trabalhadores dos transportes (rodados), carteira com foto e impressão digital. A U.G.T. e a F.O.R.A. convocaram em conjunto uma greve em todo o país, greve que se torna efetiva em 25 de janeiro; malgrado o fechamento dos locais e as detenções, o movimento foi de tal forma unânime que o governo cedeu e renunciou à carteira de trabalho.

Após a ação conjunta das duas federações, um congresso de fusão foi organizado no mesmo ano, do qual participaram 69 sociedades aderentes à F.O.R.A., 50 sociedades aderentes à U.G.T. e 56 autônomas. Como as discussões atolavam nos métodos de ação social e política, Jaquet propôs pôr em votação a declaração "finalista" relativa à recomendação do comunismo anarquista, o que deu por resultado: 62 votos a favor, 9 contra e 53 abstenções. Em conseqüência, um certo número de sindicatos da U.G.T. retirou-se do Congresso; ali permaneceram as sociedades de resistência da F.O.R.A. e a maioria dos autônomos. O resultado foi que a situação piorou; socialistas e anarquistas ficando ainda mais irritados do que antes.

Antes do fim do ano, a F.O.R.A. organizou uma outra greve geral de solidariedade em sinal de protesto contra os massacres perpetrados pela polícia durante a greve da Federação operária local de Bahía Blanca.

Os acontecimentos que ocorrerão em 1909 serão de extrema gravidade para o desenvolvimento do movimento operário. Como o chefe de polícia Ramón L. Falcón queria de novo impor uma caderneta ou uma carteira de identidade, os sindicatos do Rodado (transportes de Buenos Aires, carroceiros, condutores de automóveis, motoristas), decidiram fazer greve por tempo indeterminado, a partir do 1º de Maio, contra o código municipal que se preparava, e contra a carteira. Essa ameaça irritou Falcón que temia a paralisação da cidade.

Socialistas e anarquistas, como de hábito, manifestaram separadamente no 1º de Maio; os primeiros na Praça da Constituição, os segundos na Praça Lorea (hoje Praça do Congresso). A manifestação da U.G.T. realizou-se sem dificuldade, entretanto, assim que aquela da Praça Lorea, composta de aproximadamente 50.000 pessoas, pôs-se em marcha, o esquadrão de segurança avançou contra ela disparando tiros de revólver, deixando ao solo 8 mortos e 105 feridos.<sup>41</sup> A F.O.R.A. decretou a greve geral por duração indeterminada, e a U.G.T. acompanhou a decisão. A ausência de transportes urbanos aumentou a sensação de paralisação total das atividades cotidianas, e as brigas e trocas de tiros com as "forças da ordem" foram frequentes. O enterro das vítimas

deu lugar a um imenso cortejo de 60.000 pessoas que, retornando do cemitério, foi atacado com disparos de fuzis e por novas cargas da cavalaria. O governo cedeu ao final de uma semana, eliminou do código municipal as penalidades previstas, ordenou a reabertura dos locais operários e a soltura dos prisioneiros. Na capital, 800 detentos foram libertados. O povo exigia com insistência a cabeça de Falcón.

Ainda durava nas ruas de Buenos Aires a excitação após as grandes manifestações de outubro para protestar contra a execução de Francisco Ferrer, na Espanha, quando, em uma manhã de novembro, Simón Radowitzky lançou uma bomba no coche em que circulava Falcón e seu secretário Lartigau, matando os dois de imediato. À reação inicial de pânico sucedeu uma repressão sem precedente. Na noite desse 14 de novembro, bandos de jovens da "sociedade portenha", de concerto com policiais uniformizados, tomaram de assalto e saquearam todos os locais operários que puderam; o local e as máquinas impressoras de *La Protesta* foram destruídos, os membros da redação trancafiados no navio de guerra *Guarda nacional* com outros detentos de nacionalidade argentina, e estrangeiros, como Juan Bianchi, secretário da F.O.R.A., deportados. Foram feitos milhares de prisioneiros e um grande número deles foi enviado à penitenciária da Terra do Fogo. O estado de sítio, decretado imediatamente, durou até 13 de janeiro; mas isso não impediu a F.O.R.A. de lançar uma publicação clandestina, *Nuestra Defensa*, e *La Protesta* diferentes boletins clandestinos. O jornal anarquista reaparece em 16 de janeiro com uma tiragem mais importante, que se estabiliza a 15.000 exemplares por dia.

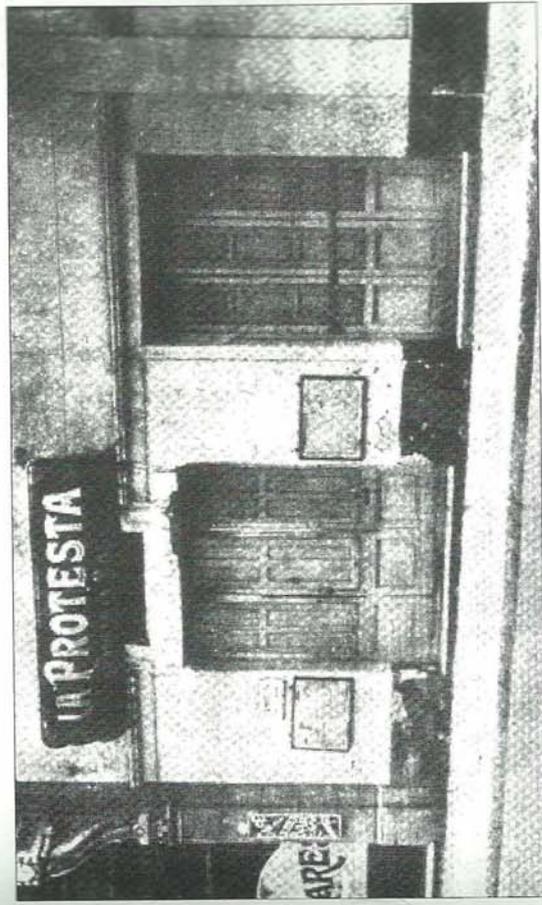
Nas grandes cidades do litoral argentino, o clima social estava de tal modo incendiado, que a pressão operária e popular suplanta o movimento organizado; a própria F.O.R.A. foi empurrada, pelo movimento de massa, à greve do Centenário, como veremos.

Simón Radowitzky tornou-se um herói do povo, e a popularidade crescente do anarquismo tornou necessária a criação de um outro diário. *La Protesta* circulava de manhã; a partir de 7 de março de 1910, surge *La Batalla*, cotidiano anarquista vespertino, com Teodoro Antilli e Rodolfo González Pacheco como redatores. O governo preparava as celebrações patrióticas de 25 de maio, centésimo aniversário da independência da Argentina, e temia que a agitação popular colocasse em perigo essa celebração. O conselho federal da F.O.R.A. também hesitava diante de um movimento tumultuoso e desorganizado, que empurrava ao confronto e à inevitável reação nacionalista.

O *meeting* de 8 de maio acendeu o rastilho de pólvora. Como ainda permaneciam trancafiados inúmeros prisioneiros de novembro de 1909, na penitenciaría nacional, e como se sabia que eles haviam sido torturados, foi decidida uma manifestação de protesto na Praça Colón de Buenos Aires. Nesse 8 de maio, um número de manifestantes jamais visto até aquele momento reuniu-se nas ruas da cidade (entre 70.000 e 80.000 segundo diferentes estimativas,<sup>42</sup> que exigiam do governo: 1. A ab-rogação da lei de "residência"; 2. A liberação dos presos por questões sociais; 3. A anistia para os condenados militares e os desertores.

No caso de essas condições não serem aceitas na data de 18 de maio, a greve geral seria declarada em todo o país. Não houve incidentes pois as forças da ordem evitaram intervir.

As festas do Centenário, que deveriam ocorrer entre os dias 22 e 30 de maio, encontravam-se diretamente ameaçadas pelo movimento popular, que as autoridades viam como francamente revolucionário. Em seus salões, a burguesia patriota e a oligarquia oscilavam entre o medo e o furor. O governo decidiu desferir um grande golpe. Em 13 de maio, em sigilo, a polícia prende maciçamente os operários conhecidos por suas idéias anarquistas. Os primeiros que caem são os membros do conselho federal da F.O.R.A. e os redatores de *La Protesta* e de *La Batalla*. São igualmente detidos os membros do comitê central da C.O.R.A. (nova denominação da U.G.T.). No dia 14, o estado



A fachada do diário *La Protesta*, situado na rua Libertad, 839. A sede foi saqueada por bandos de jovens da "boa sociedade" portenha e fechada pela polícia em 14 de novembro de 1909.

de guerra interna é decretado, e instaura-se o terror policial. Surgem novos bandos de "patriotas", tomando de assalto os locais operários, destruindo móveis e bibliotecas; o local de *La Protesta* é incendiado e, desta vez, o de *La Vanguardia*, órgão do Partido Socialista. Os prisioneiros eram mais de dois mil; muitos deles foram enviados à penitenciária de Ushuaia, entre os quais González Pacheco, Antilli, Apolinario Barrera. Eduardo Gilimón foi deportado no primeiro contingente; as deportações prosseguiram em número importante nos anos seguintes.

Malgrado a repressão, a greve aconteceu, jornais clandestinos foram publicados, houve diversas sabotagens, enfrentamentos sangrentos com mortos e feridos.

Cem anos após a independência, e para celebrá-la, o governo nacional havia transformado Buenos Aires em um campo militar, em uma cidade ocupada. "Durante alguns anos, o funcionamento normal da organização operária tornou-se impossível. De fato, vivia-se fora da lei, em particular os anarquistas e as organizações operárias que eles haviam inspirado", constata Santillán em sua história da F.O.R.A.

O companheiro J. E. Carulla, muito ativo durante esse período de clandestinidade, conta que, deixando de lado outras tentativas de publicação, decidiu-se voltar a publicar *La Protesta* no 1º de Maio de 1911, mas a polícia confiscou as chapas na gráfica, e A. Barrera e quinze outros militantes foram detidos.

Duas semanas depois, aparece um outro número, impresso em Montevideu, em seguida, a impressão do periódico retorna a Buenos Aires onde continua a circular clandestinamente, e como hebdomadário, até junho de 1912. Um grande esforço de organização e inteligência foi necessário para fazer fracassar as buscas da polícia que perseguia as gráficas, e também para distribuir às escondidas de 7 a 10.000 exemplares. Apolinario Barrera desempenhou nesse momento o papel que havia sido de John Creaghe durante o período que se seguiu à lei de "residência".<sup>43</sup> Foi somente em julho de 1913 que *La Protesta* pôde retomar seu ritmo cotidiano. No final do ano, após algumas greves, sobretudo no interior, que fizeram inúmeras vítimas e detentos, a F.O.R.A. quis realizar um *meeting* de protesto que foi proibido; em resposta, uma greve geral de 48 horas foi decidida, primeiro movimento coletivo dos trabalhadores após a repressão do Centenário.

A F.O.R.A. havia sido em muito diminuída após a terrível repressão que sofrera, mas a situação não era melhor para os sindicalistas ou para os socia-

listas. A U.G.T., sobretudo por causa da pressão da corrente sindicalista, havia mantido uma política de aproximação e tentativas de fusão das duas centrais, como já o vimos. Em 1909, entre o massacre da Praça Lorea e a execução de Falcón por Radowizky, houve um outro congresso operário do qual participaram pouquíssimos sindicatos da F.O.R.A., e que teve por resultado que a U.G.T. e sindicatos autônomos decidiram mudar o nome de U.G.T. para o de Confederação Operária Regional Argentina (C.O.R.A.). Essa central convocou, em setembro de 1914, um congresso denominado "concentração operária", no qual ficou decidido aceitar o Pacto de Solidariedade de 1904 da F.O.R.A. e aderir maciçamente a esta.

A F.O.R.A. sempre sustentou que a federação operária estava aberta a todos, indivíduos ou grupos; foi assim que o conselho federal aceitou a filiação de sindicatos autônomos e confederados da C.O.R.A. que o desejavam e convocou o IX Congresso ordinário da Federação para os primeiros dias de abril de 1915.

A discussão do primeiro ponto na ordem do dia — a finalidade da F.O.R.A. — ocupou vários dias. O clima havia mudado, e a unidade do movimento também fazia sucesso entre os anarquistas. O congresso reafirmou o Pacto de Solidariedade e os métodos de luta, mas aboliu a recomendação do comunismo anarquista do V Congresso. Quando da constituição do conselho federal, encontram-se militantes socialistas e sindicalistas tais como Sebastián Marotta.

Uma minoria dissidente não aceitou a supressão da declaração "finalista" que privava a F.O.R.A. de sua significação particular, do que havia sido o nervo de sua ação. E que tornaria a sê-lo conforme os acontecimentos o mostrarão mais tarde.

Em 2 de maio de 1915, essa minoria reuniu-se no local da sociedade de resistência dos carroceiros. Estavam presentes as 21 associações operárias que decidiram ignorar o IX Congresso da F.O.R.A. para conservar a declaração do V e para constituir um outro conselho federal.

A partir desse dia, e durante sete anos, duas F.O.R.A. coexistiram, uma chamada do V Congresso, a outra a F.O.R.A. do IX Congresso.

Em um primeiro tempo, *La Protesta* hesitou, mas, logo em seguida, pelos artigos de Gilimón, que escrevia de Montevideu, de Antilli, que escrevia da prisão, de Apolinario Barrera e outros, o periódico retomou a defesa do "finalismo" anarquista da F.O.R.A., contribuindo para a sua reconstrução. Uma boa parte das sociedades que haviam aceitado o IX Congresso reconsiderou sua

decisão, mas as disputas violentas entre as duas federações, o clima repressivo e o panorama internacional dominado pela guerra atenuaram e privaram de relevo a atividade operária, o que não quer dizer que inexistiram greves e repressões sangrentas entre 1916 e 1918.

A velha oligarquia conservadora que governava o país tinha perdido em 1916 as eleições parcialmente "democráticas", e o Partido Radical chegou à Casa Rosada (palácio presidencial). Seu chefe, Hipólito Yrigoyen, caudilho astuto, encontrara apoio nas classes médias e em uma parte das classes pobres da cidade desenvolvendo uma pregação populista de contornos imprecisos. "Ele se distancia também com um desprezo olímpico do regime das minorias esclarecidas. Encarna a "reparação popular", diz-nos Rouquié.<sup>44</sup> Todavia, Yrigoyen não ab-rolga a legislação repressiva do antigo regime: a lei de "residência" e as outras leis celeradas permanecem em vigor. Ele sabe acabar uma greve e não hesita em enviar a tropa, último argumento de sua política social, quando o crê necessário. Ao mesmo tempo, recebe delegações operárias na Casa Rosada, e permite-se, para o grande escândalo da Bolsa de Buenos Aires, arbitrar em favor dos trabalhadores durante a greve geral dos ferroviários em 1917.<sup>45</sup> Logo fica claro que uma certa tolerância mútua, para não dizer uma certa compreensão, cria-se entre a F.O.R.A. do IX e as autoridades nacionais. Essa F.O.R.A. esquecia pouco a pouco a ação direta para resolver os conflitos, substituindo-a pela arbitragem das autoridades, como o tinham desejado os socialistas da F.O.A.. Seus delegados operários percorriam as antecâmaras dos ministérios e, como bons cidadãos, os corretores da sede da polícia. Para dar um único exemplo: durante a greve máximita de 1917, os corpos de ofício que a ela aderem votam a greve geral, mas os dirigentes da Federação, para evitar o conflito, aceitam a arbitragem do chefe de polícia.

Ao aproximar-se o ano de 1919, a agitação social intensifica-se. E chega a "Semana trágica" em que, uma vez mais, vão se conjugar a revolta dos oprimidos e uma repressão bárbara. A usina metalúrgica de Vasena estava em greve desde dezembro de 1918; a empresa havia empregado guardas armados para proteger os raros fura-greves, o que produziu trocas de tiros com os piquetes de greve. Em 7 de janeiro, é o esquadrão de segurança da polícia que vai proteger um transporte de material provindo dos armazéns de Vasena. Os grevistas inflamam-se, e uma chuva de pedras cai sobre os "cossacos"; houve disparos dos dois lados. Quando a fuzilaria pára, contam-se quatro mortos.

A primeira a declarar a greve geral é a F.O.R.A. do V Congresso, por um comunicado publicado em *La Protesta*, em 8 de janeiro; a sociedade de resistência metalúrgica toma uma decisão idêntica e, na noite dessa mesma jornada, a F.O.R.A. do IX adota a mesma atitude.

No dia seguinte, os mortos são velados em um local socialista e na sociedade de resistência dos metalúrgicos. Na manhã desse 9 de janeiro, os grevistas erguem barricadas na esquina das ruas e sitiam o prédio da empresa Vasena em que se encontravam reunidos vários de seus dirigentes com delegados da F.O.R.A. do IX, negociando. Quando o cortejo fúnebre forma-se para dirigir-se ao cemitério, a situação já é incontrolável. Uma multidão cerca os caixões; muitas pessoas estão armadas. Os arsenais e os comissariados são atacados. Logo uma igreja é incendiada. No percurso do cortejo encontram-se o convento do Sagrado Coração de Jesus e, entrincheirados em seu interior, policiais e bombeiros. A multidão quer invadir o convento mas é rechaçada por tiros mortíferos. O convento é incendiado. No cemitério, a polícia dispara; as pessoas defendem-se com as poucas armas de que dispõem. Corpos jazem sobre os túmulos (doze, segundo *La Prensa*, cinquenta, segundo *La Vanguardia*). Informados dos acontecimentos, os sitiantes da sede de Vasena atacam com armas de fogo, a polícia intervém com a ajuda de um destacamento do exército, o III Regimento de infantaria, sob as ordens de um jovem tenente, Juan Domingo Perón.

Barricadas são erguidas em diferentes locais da cidade. Buenos Aires permanece totalmente paralisada. Nenhum transporte circula, e, ao anoitecer, as ruas estão às escuras. Os vendedores de jornais decidem distribuir apenas *La Vanguardia* e *La Protesta*.

O chefe de polícia, Elpidio González, seguindo as instruções de Yrigoyen, encontra-se na noite do dia 9 com os dirigentes da F.O.R.A. do IX congresso, à frente da qual se encontrava o secretário Sebastián Marotta, e garante conseguir que, em 24 horas, a empresa Vasena aceite as reivindicações exigidas pelos operários; e que no dia seguinte o governo comece a libertar progressivamente os prisioneiros — à exceção de Radowitzky, libertação exigida pelos anarquistas — se a federação suspende a greve geral. Os dirigentes operários reivindicam que as promessas sejam efetivas antes de parar a greve. Na rua, é a F.O.R.A. do V que era a verdadeira protagonista da luta.

Entretanto, na sexta-feira, 10 de janeiro, o exército, sob as ordens do general Dellepiane, ocupa a cidade. Estimou-se que o exército, a infantaria da marinha e a polícia totalizavam aproximadamente 30.000 homens. Segundo



Em janeiro de 1919, assembléia dos operários marítimos e dos estivadores filiados à F.O.R.A., onde foi decidida a greve geral.

o costume, começa uma feroz repressão, correspondente ao medo que havia paralisado as classes dirigentes. Militares, mesclados a policiais e a bandos de civis, lançam-se em assalto aos locais operários, ateneus e bibliotecas. Milhares de operários são presos e torturados; muitos são confinados em uma ilha do Rio da Prata, e, entre estes, os que estavam destinados à deportação, como o secretário da F.O.R.A.. Calcula-se que houve aproximadamente mil mortos.<sup>46</sup>

A F.O.R.A. do IX decide a paralisação da greve no domingo, dia 12, após ter recebido no gabinete de Yrigoyen a garantia de que Vasena aceitou as condições sindicais.<sup>47</sup> Todavia, a maioria dos trabalhadores continua a greve. A F.O.R.A. do V mantém a greve geral por mais alguns dias. Na terça-feira, dia 14, a polícia perquire o local de *La Protesta* e destrói as máquinas. Na segunda-feira, dia 20, os operários de Vasena reassumem o trabalho e tudo volta ao normal: a F.O.R.A. anarquista continua a sofrer a fúria da polícia, que fecha os locais e os jornais. Os habitantes da cidade retornam às suas atividades, os prisioneiros saem pouco a pouco das prisões, enquanto outros entram, e os mortos permanecem nos cemitérios.

Durante a repressão, um grupo de civis respeitosos da lei, da ordem e da pátria reuniu-se no Centro marítimo sob a direção do contra-almirante Domeq García para criar a Guarda cívica que, em toda impunidade, lança-se à caça ao operário e "ao russo", como eram denominados os judeus.



Cortejo fúnebre dos operários assassinados durante a Semana Trágica.

Com o retorno à normalidade, a citada Guarda decide constituir-se como organização permanente: a Liga Patriótica Argentina.

Esses fatos insurrecionais permaneceram na história sob o nome de "Semana trágica" ou "Semana de janeiro". Três meses e meio depois, em 4 de maio, a polícia proibia toda a imprensa anarquista. Em julho surgia um novo periódico, *Tribuna Obrera*, mantido por algumas sociedades de resistência da F.O.R.A. do V e, em outubro, *La Protesta* reaparece.

Em fins de 1919, malgrado a violência repressiva, a F.O.R.A. do V volta a ser preponderante no movimento operário do país. Em 1918, a F.O.R.A. sindicalista havia reunido em congresso as delegações de 127 sociedades aderentes; durante o congresso extraordinário da F.O.R.A. anarquista, em 1920, apresentaram-se 220 associações aderentes e 56 autônomas.<sup>48</sup>

Flexível e cortês, a F.O.R.A. do IX perde pouco a pouco a confiança dos trabalhadores. As autoridades sabiam de longa data que não devia tratar do mesmo modo os "sindicalistas" da F.O.R.A. do IX e os anarquistas da F.O.R.A. do V. Durante a grande greve na Patagônia do ano de 1921, na qual o tenente coronel Varela massacrrou muitos operários, a F.O.R.A. do IX enviou a Santa Cruz um delegado, Santiago Lazzaro, que criticou a ação dos camaradas do



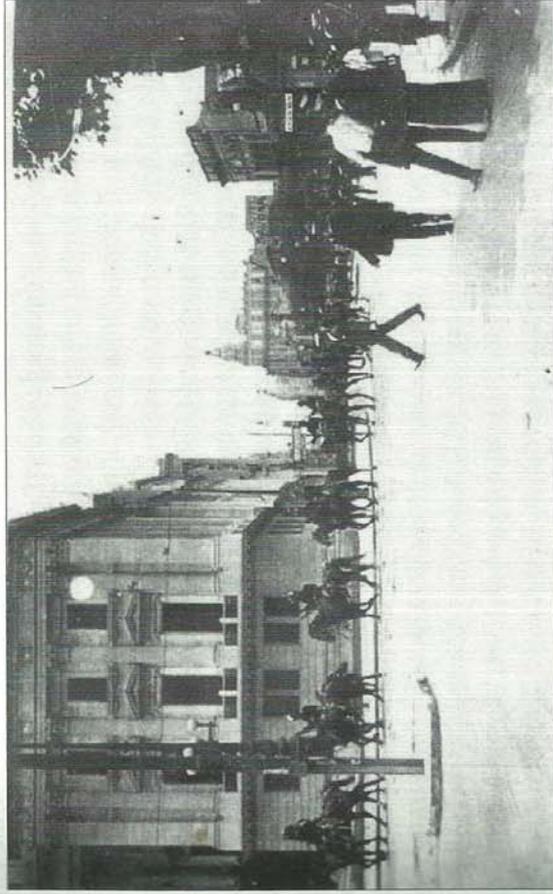
longínquo sul e concordou com a posição do governador radical da província, o capitão Ignacio Yza, recém-nomeado por Yrigoyen. O delegado da F.O.R.A. sindicalista teceu laços de amizade com Yza e com Varela.<sup>49</sup>

A F.O.R.A. anarquista também enviou um delegado, que era ao mesmo tempo o correspondente de *La Protesta*. Ele pertencia ao sindicato da Construção civil e chamava-se Santiago González Dies. Viajou clandestinamente sob o disfarce de um contrato de trabalho. Pouco tempo após sua chegada, ele foi reconhecido, denunciado ao exército e fuzilado sumariamente.

A Federação Operária de Río Gallegos, onde havia começado a greve da Patagônia, cessou suas atividades durante o verão de 1921-1922, após o massacre de seus aderentes.<sup>50</sup>

Foi a indignação ante a repressão infame do exército argentino — que se habituou a mandar aqueles a quem ia fuzilar cavarem suas próprias covas — que armou o braço vingador de Wilckens, um anarquista não-violento. Wilckens matou Varela em 27 de janeiro de 1923.

Quando, por sua vez, alguns meses depois, Wilckens foi assassinado em sua cela por um membro da Liga patriótica, os operários, espontaneamente,



Buenos Aires durante a Semana Trágica.

abandonaram suas oficinas ao receberem a notícia. A F.O.R.A. declarou uma greve geral ilimitada paralisando todo o país. Foi um dos movimentos mais unânimes que conheceu naquela época o proletariado argentino. A central operária, que respondia aos sindicalistas e aos socialistas, aos quais é preciso acrescentar agora os comunistas, também convocou à greve, mas logo desistiu. Já não se chamava mais F.O.R.A. do IX Congresso: no ano precedente, em 1922, ela mudara seu nome para o de União Sindical Argentina (U.S.A.), o que, ao menos, tinha a virtude de clarificar um pouco as coisas.

### A F.O.R.A. e a A.I.T. de Berlim

A participação da F.O.R.A. na criação da A.I.T. em 1922, permite apreclar claramente suas posições ideológicas. O congresso extraordinário do ano de 1920 havia considerado a necessidade de reconstruir uma Internacional sindical revolucionária que fosse a continuação da Primeira Internacional e que pudesse opor-se à obra negativa da Internacional reformista (F.S.I.), sediada em Amsterdã. Em consequência, o conselho federal deu instruções a Tom Barker, delegado da F.O.R.A. no congresso constituinte da Internacional sindical vermelha (Moscou, 1921), no sentido de defender a recomendação do comunismo anarquista bem como a autonomia da Internacional, “não permitindo de modo algum que ela seja subordinada ao Soviete ou à III Internacional comunista”.<sup>51</sup> Quando a data de reunião do congresso constituinte da Associação Internacional dos Trabalhadores é conhecida (Berlim, de 25 de dezembro de 1922 a 2 de janeiro de 1923), a F.O.R.A. envia uma longa comunicação na qual define: “sua concepção do sindicalismo e a finalidade social que lhe são próprias”. De espírito essencialmente anarquista, a Federação Operária Regional Argentina “reafirma o federalismo mais amplo enquanto sistema organizacional e a ação direta como método de luta”. A Federação “reconhece no sindicalismo o único meio de que dispõem os trabalhadores para fazer frente à exploração sem limites do patronato e para defender-se da tirania do Estado; mas ela não espera do sindicalismo mais do que ele pode dar: “uma arma defensiva”, [...] o sindicalismo é uma modalidade de organização sistemática imposta por razões materiais, um meio simplesmente, um efeito que deverá desaparecer paralelamente com a causa que o fez nascer: o atual sistema econômico e social”. Ela afirma “que ninguém, nem mesmo o sindicalismo tem o direito de se dar um papel ‘diretor’ nos

períodos revolucionários", e que o complemento necessário para a sua concepção do sindicalismo é "a finalidade social que ela recomenda em seu pacto federativo: o comunismo anarquista".<sup>52</sup>

A F.O.R.A. deu mandato a dois delegados para representá-la; um foi Diego Abad de Santillán que, naquele momento, vivia na Europa como correspondente de *La Protesta* e, o outro, A. Orlando, marceneiro que fez a viagem como delegado direto.

As resoluções tomadas no congresso da A.I.T. não foram todas bem recebidas em Buenos Aires e, no mês de abril seguinte, durante o IX Congresso da F.O.R.A. (nono, pois o de 1915 não foi reconhecido), decidiu-se passar ao referendo dos sindicatos a questão "internacional" antes de fixar uma posição definitiva em relação à A.I.T. A adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores foi aceita numa reunião regional de delegados.

Todavia, durante todo o ano de 1923, as colunas de *La Protesta* acolheram artigos polémicos a favor ou contra a A.I.T. Em um dos primeiros, "Os internacionais. Algumas objeções em Berlim", justificavam-se as reticências e a frieza com as quais o congresso da F.O.R.A. acolhera a proposição de adesão à A.I.T., com argumentos de ordem tática e teórica, ainda que reconhecendo a necessidade de permanecer no seio da organização internacional. Sucintamente, as razões avançadas eram as seguintes:

1. "As concessões em Moscou, das quais a principal é a moção dos comitês de defesa sindicalista da França para prosseguir as tratativas para um "conluio" com os chefes da Sindical vermelha"; 2. A importância excessiva concedida à ideologia do "sindicalismo" e, por consequência, à unidade econômica da classe operária "que impediu que o congresso adotasse resoluções firmes para assegurar a independência da A.I.T."; 3. "A concepção do sindicalismo na pós-revolução da qual recusamos o conteúdo ideológico, pois ele encarna um discurso estatista dissimulado e implica, de fato, a premissa autoritária 'todo o poder aos sindicatos'".<sup>53</sup>

Rudolf Rocker publicou uma resposta detalhada afirmando, em conclusão, que "anarquismo e sindicalismo completam-se como o espírito e o corpo. Sem a ideologia anarquista, o sindicalismo é apenas um movimento sindical comum para as melhorias passageiras na sociedade atual; e sem a organização econômica do trabalho, o anarquismo reduzir-se-ia a uma seita que defende idéias muito belas, mas que não dispõe de meios para realizá-las".<sup>54</sup>

As críticas da F.O.R.A. visavam de modo imediato à autonomia da associação internacional diante da dominação do Komintern sobre o movimento

revolucionário, mas mais profundamente, elas visavam ao sindicalismo como doutrina, o que a F.O.R.A. identificava com a Carta de Amiens. Essas críticas podem ser condensadas em três pontos claramente formulados por ocasião da fundação da A.I.T.:

- *A neutralidade ideológica.* O sindicalismo não pode bastar-se a si mesmo porque a finalidade revolucionária, a construção de uma outra sociedade sem exploração e sem dominação (para a F.O.R.A., a anarquia) é uma condição necessária para que o proletariado vá além da simples reivindicação salarial, ou de nível de vida no sentido econômico.

- O conceito de *unidade econômica da classe* é falso porque um mínimo de consciência da situação de oprimido e da sociedade que se deseja criar é indispensável para levar um sindicato revolucionário à adesão.

- A concepção do *sindicato como órgão da sociedade futura* é inaceitável porque ela contém uma proposição estatista dissimulada, e autoritária, se é compreendida como "todo o poder aos sindicatos". A sociedade de resistência é uma resposta ao sistema capitalista de hoje; a nova sociedade deverá criar suas próprias instituições não-autoritárias.

A partir do congresso fundador da A.I.T. de Berlim, as formulações de princípios da F.O.R.A. vão reabrir o debate relativo ao "finalismo" no movimento operário revolucionário, mas agora, em um contexto histórico diferente, delimitado pela Revolução russa e pela Revolução espanhola, contexto que dará um espaço ao anarco-sindicalismo, e que será destruído pelo fascismo e pela guerra. Mais tarde, uma vez o movimento revolucionário anti-autoritário quase aniquilado, a via estará livre para o capitalismo conquistador.

Na Argentina da segunda metade dos anos 20, além das grandes manifestações para salvar Sacco e Vanzetti e a constante campanha pela libertação de Radowitzky — que só cessará com a sua libertação em 1930 —, a Federação Operária conhecerá um período de lutas intestinas entre facções anarquistas e polémicas muito duras em torno do ilegalismo e dos atentados sangrentos.<sup>55</sup>

Para dar uma idéia da atividade da F.O.R.A. ao final desse período, transcreveremos alguns parágrafos de um relatório concernindo ao ano de 1929:

Começamos o ano com a greve dos padeiros em Buenos Aires, da qual participaram aproximadamente sete mil homens; com a dos pedreiros em Bahía Blanca, da qual participaram aproximadamente dois mil trabalhadores; em seguida, os tijoleiros de Lomas de Zamora, pouco

depois do famoso conflito da General Motors, e, depois, o da empresa Thyssen. Em fevereiro, tivemos a greve dos pedreiros em Resistencia, a dos pintores em Tucumán, uma paralisação de trabalho de 24 horas no porto contra a Liga Patriótica Argentina e a Associação Nacional do Trabalho, e conflitos permanentes em Avellaneda. Em 14 de maio, em Buenos Aires, começa a greve memorável dos pedreiros... Em julho, em Rosario, produz-se o conflito da empresa Minetti... Durante o mês de setembro...<sup>56</sup>

E assim por diante.

### 6 de setembro de 1930

Dia nefasto para a República argentina. O golpe de Estado do general Uriburu, produz uma reação nacionalista, conservadora e antioperária, abre "a era do sabre militar"; a partir desse momento, por períodos mais ou menos regulares, o exército apoderar-se-á do poder político pela força.

As conseqüências do golpe de Estado de 1930 foram terríveis para os anarquistas, visto que, em parte, era dirigido contra eles. Havia algum tempo já se sabia que uma sublevação militar era iminente, todavia, malgrado os esforços de alguns militantes, como Juan Antonio Morán, secretário da Federação Operária Marítima, ou de Santillán, ou outros, o conselho federal da F.O.R.A. não quis adotar medidas ou preparar uma resposta, sustentando que os operários nada teriam a fazer em uma luta entre burgueses, ou entre políticos e militares, e que, de todo modo, todos os governos são os inimigos dos trabalhadores.

Não se pode saber o que teria acontecido se tivesse havido uma resistência. O que se passou, na realidade, foi a colocação da F.O.R.A. na ilegalidade, as perseguições, as deportações, o envio dos anarquistas ao presídio de Ushuaia. Penina, um anarquista não-violento e tolstoiano, foi surpreendido quando redigia um panfleto contra o golpe de Estado e fuzilado sumariamente. Fuzilaram depois Scarfó e Di Giovanni. Três operários da sociedade de resistência União dos Motoristas foram condenados à morte por um tribunal militar, condenações comutadas em prisão na Terra do Fogo. Mais tarde, virão os processos dos padeiros, dos motoristas, dos tijoleiros, acusados de associação ilícita por pertencerem a um sindicato clandestino. Esses processos resultaram em condenações por longos anos de prisão.

Durante "o processo de Bragado",<sup>57</sup> com anarquistas que haviam sido detidos em diferentes lugares do país foram para lá enviados, encarcerados e torturados. Três foram condenados à prisão perpétua. Sem esquecer, nesse panorama repressivo, a aplicação da "lei de fuga".

Depois virão os governos conservadores, a fraude "patriótica" e a repressão habitual. Durante esse período, a principal atividade do movimento será as campanhas pela libertação dos prisioneiros.

No início de 1943, um grupo de oficiais e de coronéis do exército funda uma sociedade secreta sob a sigla G.O.U.; todos haviam sido jovens capitães ou comandantes putschistas em 1930, e, agora, em junho de 1943, desempenham o primeiro papel em um novo golpe de Estado. Um desses oficiais é o coronel Perón. A partir do Ministério do Trabalho e da Previdência, Perón prepara sua chegada ao "governo superior da nação".

Começará, então, um outro período, marcado pelo peronismo e pelas perseguições à F.O.R.A. e ao anarquismo.

Os anos 30 permanecerão na história argentina sob o nome de "década infame", o tempo durante o qual terão se combinado a ditadura militar com a fraude eleitoral dos partidos conservadores.

É necessário acrescentar a esse panorama a triste evolução do sindicalismo reformista. A União Sindical Argentina (U.S.A.), que, conforme já vimos, havia sucedido à F.O.R.A. do IX Congresso, em 1922, fusiona em setembro de 1930 com a Confederação Operária Argentina (C.O.A.), central que havia sido fundada pelos socialistas rompidos com os sindicalistas em 1926. Dessa união nascerá a Confederação Geral dos Trabalhadores (C.G.T.) cuja primeira ação foi pedir clemência para os motoristas da F.O.R.A. condenados à morte, e isso em termos que mostram sua vassalagem às autoridades putschistas:

A C.G.T., órgão representativo das forças saudáveis do país, conhecendo a obra de renovação administrativa do governo provisório e pronta a apoiá-lo em sua ação de justiça institucional e social, em nome de seus aderentes [...] solicita, como ato de clemência, que a pena de morte infligida pelo tribunal militar aos motoristas (segue a lista dos nomes) seja comutada em pena que Vossa Senhoria determinará. A Confederação está convencida de que o governo provisório só mantém a lei marcial em vigor para assegurar a tranquilidade pública e a autoridade do governo; mais ainda... (Petição endereçada ao general Uriburu, presidente designado pelo golpe de Estado militar).

Este parágrafo é suficiente como exemplo.

Essa C.G.T. colocar-se-á a serviço do general Perón e, enquanto central única (a filiação será obrigatória e as cotizações sacadas diretamente do salário), ela se tornará um dos braços do movimento peronista.

### Os últimos anos da F.O.R.A.

Durante o peronismo, a F.O.R.A., já muito enfraquecida, é obrigada a viver ainda na clandestinidade; seus locais são fechados, e *La Protesta* circula quando pode, e sem nome da gráfica. Isso não impedirá a sociedade de resistência do porto da capital de declarar, em agosto de 1952, uma greve pela reabertura de sua sede, pelo pagamento integral do salário de um operário acidentado e para denunciar a subtração obrigatória de uma jornada de trabalho para a construção de um monumento em homenagem a Eva Perón. Em resposta, seis operários da F.O.R.A. são detidos e torturados durante oito dias nos locais da sub-prefeitura marítima, enviados para uma ilha do Rio de la Plata e, posteriormente, para a penitenciária nacional, sem passar pelos tribunais, à "disposição do poder executivo", fórmula corrente, mas que exige a imposição prévia do estado de sítio, frequente sob o peronismo. A polícia perquiriu vários domicílios e prendeu membros do conselho federal. Uma comissão de defesa foi criada, da qual participará a totalidade do movimento anarquista, específico, forista e autônomo. A agitação foi intensa em todo o país e fora das fronteiras nacionais; um boletim clandestino é publicado, *Agitación*, e, após meses de luta, a libertação de todos os prisioneiros foi obtida.

Em 1955, após a queda do governo Perón, várias sociedades de resistência serão rapidamente reconstruídas, tais como as dos estivadores, dos padeiros (em várias cidades de província), a União dos motoristas, dos garçons, dos encanadores, dos transportadores etc.

O jornal *La Protesta*, renovado, ressurgiu com periodicidade quinzenal, prestando conta em detalhe de toda essa atividade sindical. No final do ano começa a greve da Federação operária das construções navais, uma das greves mais longas da organização, quase total, malgrado a utilização de fura-greves da marinha nacional. Em outubro, Ramiro García Fernández, um operário marítimo, que havia militado na C.N.T. espanhola e combatido pela Revolução, é assassinado no porto de Rosario. A greve durará treze meses, e a Federação não sobreviverá a seu fracasso.

Quase simultaneamente se produz uma outra grande greve, a dos encanadores, que foi vitoriosa no final do ano de 1956. A sede de *La Protesta* é uma vez mais fechada, mas reaparece imediatamente. A F.O.R.A. realiza naqueles anos um certo número de *meetings* públicos, na ocasião do 1º de Maio, e em solidariedade às greves. As paralisações de trabalho sucedem-se no porto. A repressão continua, a história é monótona.

Em 1960, há mais de 200 prisioneiros da F.O.R.A. nas diferentes prisões do país, alguns, há mais de dez meses. O intenso trabalho do comitê de agitação para defender os prisioneiros durará até a sua libertação, em dezembro do mesmo ano.

As atividades do anarquismo continuaram e continuam ainda, mas a campanha de solidariedade com os encanadores da F.O.R.A. foi a última das manifestações de certa importância desse movimento operário nascido no final do século XIX, que tanto lutou e que tanto sofreu.

*Vertido do espanhol para o francês por Heleisa Castellanos.*

1886 - 1956  
1º de MAYO  
ACTOS DE LA F.O.R.A.  
VELADA TEATRAL Y CONFERENCIA  
"LLUVIA"  
Comedia Teatral en 3 Actos  
Original de Williams Somerset Maugham  
Intérpretes "Talia" Teatro Independiente  
Funcionamiento 13:42 - 20:30 horas  
CONFERENCIA A CARGO DE ALBERTO BIANCHI

GRAN MITIN PUBLICO  
PLAZA GARAY  
(GARAY Y SOLIS)

MARTIN  
1  
Mayo - 16 hrs.

SIGNIFICADO HISTORICO DEL 1 DE MAYO  
ORADORES:  
E. COLOMBO - G. NASO - H. CORREALE - T. SUAREZ

## Notas:

<sup>1</sup> Essa interpenetração, em um momento histórico particular — por mais relativa que se queira, mas real — entre uma idéia e uma condição social, não teria podido existir, na minha opinião, sem a presença de um elemento pregnante do imaginário social: um *ethos*, uma ética. Uma norma e um caráter, uma norma ética. Max Weber assimila o *ethos* a um sistema normativo interiorizado, a um conjunto de máximas éticas que organizam as atitudes gerais ante o mundo ou a realidade social. Provavelmente, a estrutura de base desse *ethos* da cultura anarco-proletária, por oposição ao "espírito do capitalismo", era constituída pela forte correlação ou interdependência entre meios e fins. A dignidade da pessoa era o centro de gravidade do militante anarquista. Perante o patrão, o operário mantinha-se de pé, cabeça erguida: ele não pedia vantagens, exigia o que lhe era devido. O operário era um "proletário", mas, antes de tudo, era um indivíduo responsável. Responsável no trabalho, responsável na greve.

Um anarquista assumia suas idéias, não as ocultava. Ele sabia, quase por "instinto", como se diz metaforicamente, "que é muito difícil reduzir à obediência aquele que não busca absolutamente comandar", como escreveu Jean-Jacques Rousseau. Conferir E. Colombo "Anarchisme et culture prolétaire en Argentine dans les années 1950" in *La Culture Libertaire*, Lyon, ACL, 1997.

<sup>2</sup> Gino Germani, *Política y Sociedad*, Buenos Aires, ed. Paidós, 1962, p. 250.

<sup>3</sup> Deve-se buscar a explicação nas condições sociológicas, econômicas, culturais de uma época e não em uma fórmula ou receita relativa ao modo de organizar, com uma etiqueta ou definição anarquista, o proletariado.

<sup>4</sup> Conferir Jorge Solomonoff, *Ideología del movimiento obrero y conflicto social*, Buenos Aires, ed. Proyección, 1971.

<sup>5</sup> A Argentina, com uma superfície cinco vezes mais importante que a da França, tem hoje mais de 32 milhões de habitantes (dados de 1992).

<sup>6</sup> Pier Carlo Masini, *Storia degli anarchici italiani da Bakunin a Malatesta*, Milano, Rizzoli editore, 1969, p. 91.

<sup>7</sup> A palavra espanhola "comarca" designa uma região ou estado considerado sobretudo sob seu aspecto de entidade geográfica. A Federação espanhola divide-se em nove frações "comarcais" que reagrupam as 112 federações locais.

<sup>8</sup> Palmiro Marba (Frederico Fructidor), *Origen, desarrollo y trascendencia del movimiento sindical obrero*, p. 515. [Publicado em um único volume com *El Proletariado militante de Anselmo Lorenzo*, pelas edições Vértice, México, sem data] Conferir também Cole, G. D. H.: *Historia del pensamiento socialista*, vol. IV, cap. XX, España. Versão espanhola publicada por Fondo de Cultura Económica, México, 1960.

<sup>9</sup> José C. Valadés, "Documentos para la historia del anarquismo en America", in *Certamen Internacional de "La Protesta"*, Buenos Aires, 1927, pp. 83-86.

<sup>10</sup> *Suplemento*, nº 249 de *La Protesta*, 15 de novembro de 1926.

<sup>11</sup> A seção de Montevideu enviou uma comunicação ao congresso de Berna da Internacional (8º congresso, 1876) que é aceita pelo congresso de Verviers (9º e último da A.I.T. antiauto-

riária, 1877); nesse congresso tomaram parte, com uma delegação indireta, além do Uruguai, a Argentina e o México. Em uma carta endereçada à seção mexicana, a Federação regional de Montevideu informa: "Por intermédio de nossa irmã a Federação espanhola, solicitamos a admissão no IX Congresso universal de trabalhadores em nome da Federação de Montevideu, que conta com seis escritórios organizados, cinco seções e dois mil associados permanentes. [...] Nós vos desejamos Saúde, Anarquia e Fraternidade. Montevideu, 1º de fevereiro de 1877. A comissão federal. Presidente de serviço: F. Echanove." Conferir *Certamen Internacional de "La Protesta"*, op. cit., p. 88.

<sup>12</sup> Pier Carlo Masini, op. cit., p. 268; Luigi Fabbri, *Malatesta*, Buenos Aires, ed. Americalee, 1945, p. 100.

<sup>13</sup> Jean Maitron, *Le Mouvement anarchiste en France, I. Des origines à 1914*, Paris, Maspéro, 1975, pp. 291-294.

<sup>14</sup> Gonzalo Zaragoza, *Anarquismo argentino (1876-1902)*, Madri, ed. de la Torre, 1996, p. 76.

<sup>15</sup> Iacov Oved, *El Anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*, México, ed. Siglo XXI, 1978, p. 39.

<sup>16</sup> Gonzalo Zaragoza, op. cit., pp. 98-102.

<sup>17</sup> Conferir Eduardo Colombo, *Organizadores y anti-organizadores en la Argentina de fin de siglo*. In *Los desconocidos y los olvidados. Historias y recuerdos del anarquismo en la Argentina*, Montevideu, Nordan, 1999.

<sup>18</sup> O primeiro periódico anarquista conhecido foi *El Descamisado*, em 1879, mas ele teve uma curtíssima vida. Em maio de 1890 surge *El Perseguido* de tendência anarco-comunista antiorganizacional. A difusão do jornal realizava-se em condições de clandestinidade, o que não impediu seu desenvolvimento: sua tiragem inicial era de 1.000 exemplares, passando a 1.700 com o nº 26 e, a partir do nº 60, a tiragem elevou-se a 4.000 exemplares, número importante se considerarmos a população naquele momento.

<sup>19</sup> Jean Maitron, op. cit., p. 153.

<sup>20</sup> Conferir D. A. de Santillán, "La Protesta" in *Certamen Internacional de La Protesta*, op. cit., pp. 34-71.

<sup>21</sup> Conferir D. A. de Santillán, *La FORA. Ideología y trayectoria*, Buenos Aires, ed. Proyección, 1971, pp. 51-62.

<sup>22</sup> Ver Nettlau, *Historie de l'anarchie*, Paris, éditions du Cercle de la Tête de Feuilles, 1971, p. 179.

<sup>23</sup> Conferir D. A. de Santillán, *La FORA*, op. cit., pp. 67 e seguintes; I. Oved, op. cit., p. 163.

<sup>24</sup> I. Oved, op. cit., p. 214.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 223.

<sup>26</sup> D. A. de Santillán, *La FORA*, op. cit., p. 89.

<sup>27</sup> *The Review of the River Plate*, 15 de novembro de 1902. Extraído de I. Oved, op. cit., p. 253.

<sup>28</sup> I. Oved, op. cit., pp. 261-268.

- <sup>30</sup> D. A. de Santillán, *La Protesta*. Su historia, sus diversas fases y su significación en el movimiento anarquista de América del Sur" in *Certamen internacional de La Protesta*, op. cit., p. 43.
- <sup>31</sup> Alberto Ghiraldo (1875-1946), poeta e dramaturgo, viveu por seu ideal em diferentes locais do mundo. Morreu solitário e pobre no Chile. Florencio Sánchez (1875-1910) é o criador do teatro do Rio de la Plata em língua vernacular com sua peça *M'hijo el doctor*. Ambos são personagens típicos da boêmia de fim de século.
- <sup>32</sup> D. A. de Santillán, *La Protesta*, op. cit., p. 44.
- <sup>33</sup> I. Oved, op. cit., p. 304. D. A. de Santillán, *La FORA*, op. cit., p. 103.
- <sup>34</sup> I. Oved, *ibid.*, pp. 310-311.
- <sup>35</sup> No que concerne ao massacre da Praça Mazzini e *La Protesta* cotidiano, ver D. A. de Santillán, *La Protesta* in *Certamen intern.*, op. cit., pp. 46-47. I. Oved, op. cit., pp. 337-338.
- <sup>36</sup> Ver I. Oved, op. cit., pp. 372-375.
- <sup>37</sup> D. A. de Santillán, *La Protesta*, op. cit., p. 49.
- <sup>38</sup> Esses pontos punham a unidade econômica da classe fora das concepções filosóficas que a dividem, e a idéia, exprimida em *La Acción Socialista* (periódico sindicalista que começa sua publicação em Buenos Aires em 11 de junho de 1905), era que o sindicalismo designa os organismos da classe operária como aqueles que vão "substituir definitivamente no futuro todas as instituições burguesas". Citado por I. Oved, op. cit., p. 407.
- <sup>39</sup> A luta pela sigla foi muito importante pois, bem amiúde, em uma greve que terminava por uma vitória, os patrões aceitavam as proposições operárias sob a condição de que a sigla da F.O.R.A. não figurasse.
- <sup>40</sup> A F.O.R.A. opunha-se ao "especificismo", nome que se dá à tendência que defende a organização dos anarquistas enquanto tais, federados de modo permanente em nível nacional. Foi somente em 1932, na prisão, que foram realizados acordos para fundar uma organização nacional especificamente anarquista, a Federación Anarco-Comunista Argentina (F.A.C.A.), nascida em 1935. Em 1955, ela muda seu nome para Federación Libertaria Argentina (F.L.A.), que mantém ainda hoje.
- <sup>41</sup> A autodenominação de anarco-sindicalismo só se generalizará após a guerra de 1914-1918, mais precisamente após o desenvolvimento da C.N.T. espanhola [Congresso da Comédia, Madrid 1919: ali é decidido que "em concordância com a essência dos postulados da Primeira Internacional dos Trabalhadores, o Congresso declara que a finalidade buscada pela Federação Nacional do Trabalho é o comunismo anarquista"] e a criação da A.I.T. em 1922. Conferir minha brochura *L'Organisation révolutionnaire internationale du prolétariat*, éd. C.N.T. Région parisienne, 1997. Quanto ao congresso da Comédia, Manuel Buenacasa conta que, estando naquela época na Espanha, Alberto Ghiraldo realizou uma edição extraordinária da antiga e popular revista *Ideas y Figuras* que ele publicava em Buenos Aires, para comemorar o congresso da C.N.T. In *El movimiento obrero español*, Paris, 1966, p. 76.
- <sup>42</sup> Segundo os números fornecidos por Santillán em sua história da F.O.R.A., op. cit., p. 176.

- <sup>43</sup> Deve-se saber que a população da Argentina naquele momento era de aproximadamente 7 milhões de habitantes (recenseamento de 1914: 7.885.237).
- <sup>44</sup> D. A. de Santillán, *La Protesta*, op. cit., pp. 58-59.
- <sup>45</sup> Conferir Alain Rouquié, *Pouvoir militaire et société politique en République argentine*, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1978, *passim*.
- <sup>46</sup> *Ibid.*, p. 127.
- <sup>47</sup> Publicações recentes afirmam um número preciso, segundo os arquivos diplomáticos norte-americanos: 1.356 mortos e 5.000 feridos.
- <sup>48</sup> Revista *Diógenes*, ano 6, nº 12. Argentina, setembro de 1998. *La Semana trágica*, de Julio César de la Vega, p. 8.
- <sup>49</sup> Jorge Solomonoff, op. cit., p. 46.
- <sup>50</sup> Conferir Osvaldo Bayer, *Los Vengadores de la Patagonia trágica*. Buenos Aires, 4 vol. Os três primeiros editados por Galerna, 1972-1974. O último na Alemanha, Frankfurt, por Ed. Hammer, 1979. Há uma versão francesa reduzida: *La Patagonie rebelle*, Acratie-Atelier de Création Libéraire, 1996.
- <sup>51</sup> "Sem qualquer fundamento legal, visto que na Argentina não existia a pena de morte, centenas de trabalhadores foram fuzilados. Segundo as "estancias": San Jose, 108; Tres Cerros, 80; El Cerrito, 18; Bella Vista, 40; Corpen, 320; La Alianza, 120; Casteran, 53. As vítimas são jogadas em valas comuns ou queimadas.
- Na estância La Anita, 440 trabalhadores foram fuzilados, mas para economizar as balas, os chilenos eram mortos com uma bala na cabeça. Eles eram considerados como seres humanos de segunda categoria." O. Bayer, op. cit.
- <sup>52</sup> *Organización Obrera*, suplemento extraordinário ao nº 42, 1º de maio de 1921. In Antonio López, *La FORA en el movimiento obrero*, Buenos Aires, ed. Tupac, 1998, p. 166.
- <sup>53</sup> *Ibid.*, p. 167 e seguintes.
- <sup>54</sup> *La Protesta*, nº 4370, Buenos Aires, 8 de abril de 1923.
- <sup>55</sup> Rudolf Rocker in *La Protesta*, nº 4440, 1º de julho de 1923.
- <sup>56</sup> Conferir meu prólogo aos *Anarchistes expropriateurs* (de O. Bayer, Atelier de Création Libéraire, Lyon, 1995) do qual alguns parágrafos são aqui utilizados.
- <sup>57</sup> Conferir D. A. de Santillán, *La FORA. Ideología y trayectoria*, Buenos Aires, ed. Proyección, 1971, p. 275.
- <sup>58</sup> Durante o mês de agosto de 1931, uma centena de militantes da F.O.R.A., acusados injustamente de terem cometido um atentado, são presos e torturados pela polícia da província de Buenos Aires, na cidade de Bragado. Entre eles, três são condenados à prisão perpétua. "Liberdade para Vuotto, Mainini e De Diago" foi o grito da campanha conduzida pelo movimento anarquista da região, e que durou até sua libertação em 1942. Em 1993, cinco meses após a morte de Pascual Vuotto, o último sobrevivente, a Câmara dos Deputados reconhecera a inocência dos "prisoneiros de Bragado". Conferir Pascual Vuotto, *El proceso de Bragado*, Buenos Aires, ed. Reconstruir, 1991.